

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



***MEA CULPA* : DEPRESSÃO, MASOQUISMO MORAL E
RELIGIÃO**

Sílvia Carina Leal das Neves

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



***MEA CULPA* : DEPRESSÃO, MASOQUISMO MORAL E
RELIGIÃO**

Sílvia Carina Leal das Neves

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Bruno Gonçalves

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)

2010

AGRADECIMENTOS

Os meus sinceros agradecimentos vão para todos aqueles sem ajuda dos quais a realização desta dissertação não seria possível. Devo, no entanto, uma referência especial:

Ao meu orientador, Professor Doutor Bruno Gonçalves, a quem estou grata pela disponibilidade mostrada nas diversas fases de realização desta dissertação, assim como pelas pertinentes críticas e sugestões aquando da revisão dos textos por mim produzidos.

Aos alunos da Faculdade de Psicologia, pela sua preciosa colaboração no preenchimento dos questionários, sem a qual esta investigação não seria possível.

Agradeço também ao meu pai, por todos os sacrifícios realizados, todo o apoio e amor que me deu para que este trabalho se realizasse e seja o símbolo de um longo percurso que finalmente termina com sucesso.

Agradeço também aos meus sobrinhos, irmã e cunhado por todo o apoio que me deram, pelos sorrisos e gargalhadas que ajudaram a ultrapassar os momentos mais tensos na construção desta dissertação.

Aos meus tios e primo, pelo apoio contínuo e por todo o amor e carinho transmitido ao longo deste processo.

À Inês, o meu profundo agradecimento por me ter acompanhado lado a lado ao longo deste longo caminho, por todo o apoio, sorrisos, brincadeiras e amizade que em muito me ajudaram.

Finalmente, a agradeço a alguém que nunca se esquece e à qual devo , também, a minha existência: a minha mãe.....

RESUMO

Tomando em consideração a investigação que tem sido realizada no âmbito da relação entre a religião e a psicopatologia, propus-me a estudar qual a função da culpa, do mecanismo do masoquismo moral na religiosidade. O meu objectivo foi então apurar qual o papel da culpa na expressão deste tipo de comportamento e crença, procurando a possível influência de traços de personalidade associados à depressão e à culpa. Com esta finalidade, numa amostra de 105 indivíduos do sexo masculino e feminino, com idades entre os 19 e os 47 anos, aplicaram-se os seguintes instrumentos de medida: o *Questionário de Experiências Depressivas* [Q.E.D.] (Blatt, D’Afflitti et al., 1976; Blatt, D’Afflitti & Quinlan, 1979), usando a adaptação para a população portuguesa de Rui Costa Campos (2000); o *Test of Self-Conscious Affect* [TOSCA] (Tangney, Wagner, Gramzow, 1989) usando a tradução portuguesa para adultos de Geada (2000); e a *Escala de Orientação Religiosa* [Age-Universal I/E-Revised Scale] (Goursuch & McPherson, 1989), usando a versão para estudo de Linares (2009). Esperava-se que existisse uma correlação positiva entre a religiosidade intrínseca e a culpa (hipótese 1), uma correlação positiva entre a religiosidade intrínseca e a personalidade depressiva de tipo introjectivo (hipótese 2), uma correlação positiva entre o auto-criticismo e a culpa (hipótese 3).

Os resultados obtidos demonstram que todas as hipóteses foram refutadas.

São apontadas as limitações e outras possibilidades de investigação.

Palavras-Chave: Religiosidade, Religião, Culpa, Masoquismo Moral, Depressão

ABSTRACT

Taking in account the investigation carried through in the scope of religion and its relations with psychopathology, I have proposed myself to study the function of guilt, the mechanism of moral masochism in religiousness. My goal was to verify the importance of guilt in the expression of this kind of behavior and belief, searching the possible influence of personality traits associated with depression and guilt. For this purpose, a sample of 105 males and females aged 19 to 47 years, was tested by applying the following scales: the Depressive Experiences Questionnaire [D.E.P.] (Blatt, D'afflitto et al . 1976; Blatt, D'afflitto & Quinlan, 1979), using the adaptation to Portuguese of Rui Costa Campos (2000), the Test of Self-Conscious Affect [TOSCA] (Tangney, Wagner, Gramzow, 1989) using the Portuguese translation for adults of Geada (2000), and the Religious Orientation Scale [Age-Universal I / E Scale-Revised] (Goursuch & McPherson, 1989), using the version for the study of Linares (2009). It was hoped that there was a positive correlation between intrinsic religiosity and guilt (hypothesis 1), a positive correlation between intrinsic religiosity and depressive personality (with an introjective dimension), a positive correlation between self-criticism and guilt (hypothesis 3).

The data shows that all hypothesis were rejected.

The authors identify the limitations and further research possibilities.

Keywords: Religion, Guilt, Moral Masochism, Religiousness, Depression

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: Religião, Depressão e Masoquismo Moral.....	4
1.1 A Doutrina Religiosa.....	4
1.2 A Culpa na Religião: O Pecado e a Confissão.....	7
1.3 Religiosidade e Espiritualidade.....	8
1.4 O Masoquismo na Teoria Psicanalítica.....	10
1.5 Masoquismo Moral	11
1.6 Depressão.....	13
1.7 Etiologia.....	14
1.8 Personalidade Depressiva.....	18
1.9 Dois Tipos de Experiências Depressivas.....	19
1.10 Culpa na Etiologia Depressiva.....	22
1.11 Religião e Saúde Mental.....	26
1.12 Objectivos e Hipóteses de Trabalho.....	27
CAPÍTULO II: METODOLOGIA	28
2.1 Selecção e Caracterização da Amostra	28
2.2 Instrumentos de Recolha de Dados	31
2.2.1 Questionário Sócio-Demográfico.....	31
2.2.2 Questionário de Experiências Depressivas	31
2.2.3 Escala de Orientação Religiosa.....	33
2.2.5 <i>Test of Self-Conscious Affect (TOSCA)</i>	34
2.3 Operacionalização das Hipóteses.....	34
2.4 Procedimento	35
2.4.1 Procedimentos Estatísticos	35

CAPÍTULO III: RESULTADOS	36
3.1 Consistência Interna das Escalas	36
3.1.1 <i>Questionário de Experiências Depressivas</i>	36
3.1.2 <i>Test of Self- Conscious Affect (TOSCA)</i>	36
3.1.3 <i>Escala de Orientação Religiosa</i>	36
3.2 Teste das Hipóteses	37
CAPÍTULO IV: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	42
CAPÍTULO V: CONCLUSÃO	44
5.1 Síntese Conclusiva	44
5.2 Importância para a Investigação	46
5.3 Limitações da Investigação e Linhas de Desenvolvimento Futuro	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
ANEXOS	
Anexo A (Output nº1-Idade dos Inquiridos)	
Anexo B (Output nº2 - Sexo dos Inquiridos)	
Anexo C (Output nº3 - Estado Civil)	
Anexo D (Output nº4 – Nacionalidade)	
Anexo E (Output nº 5 - Instituição de Ensino)	
Anexo F (Output nº 6 - Curso que Frequenta)	
Anexo G (Output nº 7 - Ano que Frequenta)	
Anexo H (Output nº 8 – Religião)	
Anexo I (Output nº 9 - Praticante da Religião)	
Anexo J (Output nº 10 - Frequência da igreja ou outro local de culto)	
Anexo K (Questionário de Dados Sócio-Demográficos)	

Anexo L (Questionário de Experiências Depressivas)

Anexo M (Escala de Orientação Religiosa Revisada)

Anexo N (Test of Self Concious Affects)

Anexo O (Output nº 11 - Alfa de Cronbach [Q.E.D.])

Anexo P (Output nº 12 – Alfa de Cronbach TOSCA)

Anexo Q (Output nº 13 – Alfa de Cronbach da Escala de Orientação Religiosa)

Introdução

O presente trabalho tem como objectivo o estudo das dinâmicas existentes entre a religiosidade e o masoquismo moral enquanto parte integrante de uma estrutura de personalidade com traços depressivos com uma dimensão de culpabilidade.

Tem por base as seguintes questões: não estará na base do comportamento religioso e da própria crença uma culpabilidade inconsciente? Não será este sentimento de culpa parte do núcleo de uma personalidade depressiva?

Assim poder-se-ia especular que, em indivíduos com este tipo de personalidade, o mecanismo na base do seu comportamento seria, segundo Coimbra de Matos (2001), o denominado masoquismo moral.

Adamson(2006), é um dos autores que se debruçou sobre o estudo do efeito da religião na depressão e na culpa. Segundo o seu estudo, níveis elevados de religiosidade extrínseca , isto é, sujeitos que apresentavam um maior número de comportamentos religiosos como o rezar, ler as escrituras e frequentar a missa, apresentavam maiores indícios de culpabilidade. No entanto verificou-se que esta culpabilidade não apresentava uma correlação com a depressão e com a religiosidade intrínseca.

Segundo Allport (1996), este tipo de religiosidade, intrínseca, diz respeito à fé, sendo orientada face a uma unificação do ser. Indivíduos com tal orientação religiosa encontram a sua motivação na religião, sendo esta a estrutura que rege os parâmetros pelos quais vivem e encaram o mundo. Trata-se então de uma componente mais introjectiva da vivência religiosa.

Talvez a correlação acima referida não tenha sido verificada pelo facto de que neste estudo procurou-se correlacionar a religiosidade com a depressão enquanto entidade nosológica. Assim sendo este mesmo estudo procura ter em conta as diferenças entre a depressão enquanto constituída por grupos de sintomas manifestos, e os traços de personalidade associados à depressão. Procura-se correlacionar traços de personalidade depressivos, com a culpa e com a religiosidade.

Segundo Coimbra de Matos (2001), depressão é a sequela de uma perda culposa, dado o desejo de perda, assim sendo a depressão é sempre uma depressão de culpabilidade. O objecto primário é cindido num objecto idealizado, considerado perdido, e num objecto odiado, que é introjectado (introjecção agressiva) e com o qual mantém uma luta constante em que agride o objecto e é por este agredido.

Esta luta é frequentemente duplicada e em parte substituída por uma relação sadomasoquista no actual, sendo o objecto desta relação depositário da imago idealizada do objecto primário. Em suma, a agressividade dirigida para o objecto, é dirigida ao próprio, isto porque há uma introjecção da parte odiada do objecto.

Tendo em conta o que se referiu anteriormente, existe uma culpabilidade inconsciente que equivale a uma necessidade de punição, a uma expressão dessa mesma culpa (Coimbra de Matos, 2001).

Um dos elementos que tem sido referido como ponto de encontro entre a psicologia e a religião é a culpa. No Novo Testamento é desenvolvido um sentimento individual de culpa, sendo este direccionado a uma consciência pessoal do pecado com diferentes níveis de remorsos (Faiver, O'Brien, Ingersoll, 2000).

Do ponto de vista psicanalítico, a crucificação, voluntária, de Cristo teve o efeito de nos aliviar da culpa. Ainda tendo por base este ponto de vista, pode-se dizer que a culpa Universal foi apagada através do sofrimento masoquista de Cristo. Como tal, segundo a religião Cristã só poderemos ser salvos se reconhecermos a nossa culpa e se assumirmos que devemos ser penalizados por tal (Rancour-Laferriere, 2003).

Através da relação do sujeito com a religião, com Deus, o que se verifica é a duplicação da luta interior acima referida no âmbito do núcleo depressivo. Deus será então o depositário da imago idealizada do objecto, identificando-se, por exemplo, com Jesus Cristo e com o seu sofrimento, com o seu masoquismo moral, como forma de obter a salvação, em última análise, como forma de obter um amor divino, outrora perdido (Rancour-Laferriere, 2003).

Como se poderia então explicar uma eventual relação entre a culpa e a religiosidade? A nomeação do pecado torna a culpa e o perdão concreto, pois só assim a culpa se tornará concreta e passível de ser perdoada (Kettunen, 2002).

A base está no alívio pessoal que deriva da própria experiência religiosa, da crença e da fé, isto é de uma componente mais intrínseca, pois só a crença na autoridade de Deus torna possível que a confissão limpe o pecado cometido (Kettunen, 2002).

Esta crença no perdão e na autoridade de Deus remete para o que aqui já foi referido. Deus enquanto depositário da imago idealizada com a qual se tem uma luta interna e face ao qual se sente uma culpabilidade e consequente necessidade de punição.

Tendo em conta que o núcleo depressivo pressupõe a introjecção da parte odiada do objecto, bem como da interiorização da culpabilidade, este projecto de investigação propões que os traços depressivos de personalidade sejam medidos através do factor

denominado de “Auto-Criticismo” , que se associa a uma estrutura introjectiva e culpabilizante da personalidade, do Questionário de Experiências Depressivas de Blatt. Para tal propõe-se o uso da versão traduzida e adaptada para a população portuguesa de Rui Alexandre Campos (2000).

Segundo Blatt (1974), pode-se pensar que as características internas dos indivíduos com depressão clínica poderão estar presente nos indivíduos não clinicamente deprimidos mas vulneráveis a essa mesma culpa. Segundo o autor a depressão introjectiva , de culpa, funciona como sinal de que algo correu mal, exigindo um nível ideativo sofisticado. Encontram-se sentimentos de desvalorização, de não ser merecedor de amor, sentimentos de culpa e de não ter vivido à altura das expectativas, o que conduz à desaprovação e crítica por parte do objecto.

A escala do auto-criticismo surge então como medida de vulnerabilidade a um tipo de experiência depressiva com culpabilidade (Campos, 2000).

Tendo por base a noção de masoquismo moral, este projecto propõe que a culpabilidade, seja medida através da utilização de um questionário denominado de “*Test of Self-Conscious Affect*” (TOSCA) que permite avaliar a vulnerabilidade ao sentimento de culpa. A versão a utilizar será a versão portuguesa para adultos resultante de um estudo de Geada (2000).

Como o objectivo de correlacionar os elementos anteriormente mencionados com a componente intrínseca da religiosidade, propõe-se a utilização de uma escala de orientação religiosa, “*Age-Universal I/E-Revised Scale*” de Goursuch & McPherson (1989), utilizando a versão para estudo de Linares (2009). Tal permite medir a componente intrínseca e extrínseca da religiosidade.

Na minha opinião este estudo tem diversas implicações. Permite uma melhor compreensão não só da própria religião como também dos mecanismos inerentes ao núcleo depressivo da personalidade e particularmente de um mecanismo já aqui referido, o masoquismo moral.

Desta forma, poder-se-á obter uma melhor compreensão do que nos leva a desenvolver uma crença no paradigma religioso, bem como do que nos leva a desenvolver um comportamento submisso face a uma entidade mística.

Assim espera-se encontrar uma correlação positiva entre traços de uma personalidade depressiva, com vulnerabilidade à culpa, bem como uma correlação positiva com a religiosidade extrínseca.

Capítulo I – Religião, Depressão e Masoquismo Moral

João 8:24 Por isso vos disse que morrereis em vossos pecados, porque se não crerdes que eu sou, morrereis em vossos pecados.

Romanos 5:12 Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram.

Romanos 6:6 Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado.

Romanos 7:7 ¶ Que diremos pois? É a lei pecado? De modo nenhum. Mas eu não conheci o pecado senão pela lei; porque eu não conheceria a concupiscência, se a lei não dissesse: Não cobiçarás.

1.1 A Doutrina Religiosa

A definição de religião envolve um sistema de crenças, práticas e rituais relacionados com o sagrado. Koenig (2009), define o sagrado enquanto elemento que se relaciona com o místico, sobrenatural ou com Deus. Envolve crenças relativamente a espíritos, anjos ou demónios, sendo que cada orientação religiosa possui as suas crenças acerca da vida depois da morte, bem como regras e leis referentes à conduta da vida em sociedade. Este sistema é organizado e praticado no âmbito de uma comunidade, e/ou em privado, no entanto, o que é central nesta definição de religião é que esta está enraizada numa tradição estabelecida que surge enquanto consequência de um grupo de pessoas com crenças comuns e práticas que dizem respeito ao sagrado (Koenig,2009).

Uma área relativamente inexplorada da psicologia da religião diz respeito à construção cristã do pecado. Esta doutrina sugere que todos os seres humanos estão ligados e sofrem em consequência não só dos seus próprios pecados como também dos pecados dos outros (McMinn,2005). Segundo a religião cristã, é uma escolha de Deus amar e aceitar os seres humanos apesar da sua natureza pecaminosa (McMinn,2005). Isto é, por forma alcançar o amor de Deus, todo o indivíduo deve submeter-se à lei divina, deve subjugar-se, aceitar a sua culpa e castigo por forma alcançar o seu amor. Aqui podemos estabelecer um paralelo com a depressão de culpabilidade e o masoquismo moral, do qual se falará adiante.

Tal como a criança assume uma culpabilidade que não é sua, por forma a obter o amor do objecto, também o indivíduo deve assumir a sua culpa, uma culpa universal com a qual já nasce, por forma a obter o amor de Deus.

Freud (1957), descreve a neurose obsessiva como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal. Segundo o autor, a formação da religião

parece basear-se numa supressão, na renúncia de certos impulsos, não exclusivamente sexuais, mas impulsos egoístas e socialmente perigosos, em favor de um interesse colectivo. Desta supressão surge uma influência que é sentida como uma tentação, gerando assim ansiedade. Da tentação aqui referida, nasce também o sentimento de culpa que se expressa através do temor da punição divina.

Segundo Freud (1961), os principais elementos da razão do homem – a religião e o senso social – foram originalmente resultado do complexo paterno. Ou seja, a religião e a repressão moral, bem como o pecado, continuam a existir em cada um dos indivíduos sob a forma de sentimento de culpa pelo assassinato do pai, sentimento este vivido de forma inconsciente no Complexo de Édipo. No entanto, a eliminação do pai que aqui se refere não é um pai real, mas sim a eliminação de um símbolo, o símbolo da interdição do incesto, interdição esta que contribui para o desenvolvimento da instância superegógica. Trata-se da instância da culpa, onde a culpabilidade será reconhecida como angústia por haver infringido uma interdição.

Segundo Khan (Gordon,1987), o ser humano necessita que a sua dor psíquica seja testemunhada pelo outro e foi esta mesma necessidade que levou à criação da figura onnipresente de Deus. A tese de Khan, aponta para a existência de uma doutrina masoquista nos rituais religiosos. Verifica-se que a frustração e a negação de necessidades físicas e emocionais está presente na religião, bem como o acto de se auto-punir ou punir os outros. A circuncisão, a submissão, a flagelação, a abstinência sexual, social, bem como a negação de outras necessidades (físicas ou psíquicas), o sacrifício do próprio ou de algo que seja para ele considerado de grande valor são exemplos desta doutrina masoquista. Também a postura que se assume ao entrar numa igreja expressa e comunica a humildade, a rendição e o abandono. Gestos como o juntar das mãos, a vénia, o ajoelhar-se perante a figura de Deus, tudo isto são gestos que transmitem submissão e obediência (Gordon,1987).

De acordo com o Catecismo Católico (Garcia,2006), o pecado cria uma propensão ao pecado pois este tende a reproduzir-se e a reforçar-se. São denominados pecados capitais aqueles que geram outros vícios, sendo eles, o orgulho, a avareza, a ira, a impureza, a gula e a preguiça, dos quais resultam inclinações perversas que obscurecem a consciência e corrompem a avaliação concreta do bem e do mal.

A culpa significa aquilo que carece e falta, algo que, sempre e perpetuamente, falta na vida do ser humano. A criança “deve” respeito e obediência aos pais; o jovem “deve” ao professor o cumprimento das lições; o adulto “deve” ao Estado a ajuda para o

aumento do potencial económico dos meios de produção; o fiel está em “falta” com o cumprimento dos preceitos religiosos e o descrente “deve” ao destino o suportar de toda uma vida (Boss,1981). Segundo Boss (1981), o ser humano é essencialmente culpado e assim permanece até ao dia da sua morte. Mesmo atrás da obediência que os seres humanos devem a seus deuses ou a Deus, continua o medo dos castigos.

Os primeiros sentimentos de culpa são incutidos na criança através dos pais sob a forma de ordens e proibições, sendo que as suas proibições são introjectadas no seu próprio interior, fazendo parte do Superego o que leva a que o indivíduo se sinta culpado e pecaminoso perante o seu professor, perante as autoridades e finalmente perante Deus (Boss,2001).

Assim, deparamo-nos com o facto de que a dor, o sofrimento e a negação do próprio e da sua individualidade surgem enquanto objectivo e não enquanto mera preparação para uma experiência de rendição e união com o que se acredita ser sentido enquanto sagrado, eterno – estamos, segundo Gordon (1987), perante uma perversão, um masoquismo patológico.

Embora o masoquismo seja frequentemente a expressão perversa da necessidade humana de veneração, o que se verifica é que os seus objectivos estão ligados às suas experiências depressivas. Muitas vezes, esta expressão masoquista ,através de actos religiosos, está ao serviço de uma necessidade inconsciente de assegurar o amor, e aceder a uma figura idealizada (Gordon,1987). Assim, o preço a pagar por este amor divino é a rendição da individualidade e das necessidades do indivíduo a essa necessidade.

Na religião verifica-se a idealização de uma figura, Deus, o objecto de amor, que parece assim replicar um padrão de relação de objecto desenvolvido precocemente. Isto é, poder-se-á pensar na relação que se estabelece com Deus, enquanto uma réplica da relação que a criança estabeleceu com uma mãe, enquanto figura punitiva, culpabilizante, idealizada face à qual se sente dever obediência.

Tendo por base o núcleo do Dogma Cristão, todos nós fomos redimidos porque um homem, que não outro senão Deus através de seu filho Jesus Cristo, aceitou , de forma voluntária (masoquista), a tortura e consequentemente a morte. Desta forma, e através do seu comportamento masoquista redimiou toda a humanidade do pecado original. Assim, o indivíduo só poderá obter a salvação da sua alma, bem como o amor de Deus, se se identificar com o sofrimento de Cristo e com o seu comportamento masoquista (Rancour-Laferriere,2003).

1.2 A Culpa na Religião: O Pecado e a Confissão

Como já aqui se verificou, são diversos os fundamentos da religião cristã que se baseiam na culpa universal, isto é, que identificam o ser humano enquanto pecador. Assim sendo, a culpa na religião surge enquanto pecado.

Segundo St.º Agostinho, se o pecado pode ser evitado, então o indivíduo não é considerado culpado, recaindo assim a responsabilidade sobre Deus. No entanto, tal noção implica que exista uma capacidade de escolha, o que leva a que seja antagónica ao conceito de pecado, culpa, universal. Assim, Stº Agostinho, responde que o pecado original não é evitável, mas o pecado actual é. Em suma, todos nós possuímos uma culpa Universal, no entanto estando a natureza humana viciada pelo pecado original, o pecado actual só pode ser evitado através da ajuda da Graça Divina (Garcia, 2006).

De um ponto de vista religioso (Garcia,2006), o sentimento de culpa parece ser o resultado de uma violação de regras baseadas em leis morais e divinas. O homem surge não enquanto ser idealizado, correcto e virtuoso, mas sim enquanto pecador. Como consequência dos seus actos, surge o sentimento de culpa e aliado a este surge também a necessidade de se confessar por forma a livrar-se deste mal (Garcia,2006).

Do ponto de vista do Novo Testamento (Delkeskamp-Hayes,2007), o termo pecado refere-se a uma falha em atingir um objectivo, isto é, em se orientar de forma correcta. Assim, ao fugirmos à lei de Deus, não seguiremos uma orientação na vida tendo por base a fé em Deus, estaremos em pecado. Esta noção de pecado, refere-se a uma obediência e a uma submissão a Deus, figura esta que nos liberta do pecado.

O dar um nome ao pecado torna a culpa e o perdão em algo concreto. É de grande importância para aqueles que se confessam que a sua culpa tenha um nome, tornando assim possível a absolvição(Kettunen,2002). No entanto, a base deste alívio, que se obtém com a confissão, não está simplesmente na nomeação do pecado, mas sim no perdão que deriva da experiência pessoal da crença. Enquanto que o pecado, aniquila a paz de espírito, o perdão possui uma possibilidade de ligação a Deus e à sua autoridade em nos libertar dos pecados (Kettunen,2002).

Sem uma relação com Deus, sem a crença na sua autoridade a confissão perde o seu valor. Isto é, sem a idealização de uma figura onipotente e do seu poder em atenuar a culpa não existe a possibilidade de se ser perdoado. O acto de confissão possui, para além do lado de libertação momentânea, um lado culpabilizante, isto é, poderá conduzir

a uma ampliação do sentimento de culpa uma vez que inclui a mensagem de que se é pecador, de que algo em nós está mal (Kettunen,2002).

Se nesta situação colocarmos alguém que possua uma experiência depressiva do tipo introjectivo, com uma forte vertente culpabilizante, este acto de confissão estará a agravar o seu sentimento de culpa inconsciente e consequentemente a necessidade de punição por essa culpa (Kettunen, 2002).

Como se sabe, o pecado e a culpa apresentam-se enquanto aspectos centrais para os confessores, padres, sendo sua principal tarefa a de convencer o indivíduo de que este é culpado por forma a lhes poderem aplicar posteriormente o perdão. Assim, o que se verifica é que a culpa torna-se num dos alicerces essenciais para manter a força que constitui a fé e a crença (Kettunen, 2002).

Ao salientar a importância da culpa na relação do sujeito com Deus, verifica-se que esta está constantemente condicionada ao que o indivíduo faz e às suas falhas (Kettunen,2002).

1.3 Religiosidade e Espiritualidade

Ao longo dos tempos. o construto da religião tem sido edificado tanto enquanto construto individual como institucional. Actualmente, segundo Hill e Pargament (2003), a religião constituiu-se enquanto sistema fixo de compromisso ideológico, mas que no entanto falha em representar a dinâmica pessoal presente na piedade humana. Por outro lado , o termo espiritualidade tem sido cada vez mais utilizado para se referir ao lado mais pessoal e subjectivo da experiência religiosa (Hill & Pargament, 2003).

Actualmente assistimos a uma distinção entre religiosidade e espiritualidade. Assim, por religiosidade entenderíamos a expressão institucional, formal, autoritária e inibitória, e por espiritualidade a expressão individual, subjectiva, emocional, introjectiva e livre. Tendo em conta estes aspectos poder-se-ia pensar que se constituem enquanto construtos independentes, no entanto estes possuem uma relação próxima entre si (Hill & Pargament, 2003).

A espiritualidade pode então ser entendida enquanto procura do sagrado, um processo através do qual os indivíduos procuram descobrir algo ao qual se vincularem. O sagrado é o que distingue a religiosidade e a espiritualidade de outros fenómenos. Refere-se assim a eventos ou objectos especiais que se destacam de outros , vulgares, sendo então alvo de veneração (Hill & Pargament,2003).Neste conceito incluem-se

também os conceitos de Deus, divino, transcendente bem como os diversos aspectos da vida que ocorrem como ligação a estas representações. Assim, o sagrado, é denominador comum entre a vida espiritual e religiosa, representando o objectivo final procurado por pessoas religiosas/espirituais (Hill & Pargament, 2003).

Espiritualidade e religião devem ser consideradas variáveis complexas que envolvem dimensões emocionais cognitivas, comportamentais, interpessoais e psicológicas. Mais importante que medir se uma pessoa é religiosa, é medir qual a dimensão da religiosidade na pessoa. Allport (1996), formulou a sua distinção clássica entre maturidade e imaturidade a nível religioso (Hill & Pargament, 2003). Mais tarde, Alport e Ross (1967), neste sentido procuraram estudar indivíduos que *viviam* a sua religião e indivíduos que *usavam* a sua religião.

Os autores desta mesma distinção falam então em religiosidade extrínseca e religiosidade intrínseca.

Assim, a orientação extrínseca diz respeito a pessoas que utilizam e dispõe da religião para os seus propósitos. Refere-se assim a um interesse que é mantido pois permite manter um outro interesse. Aqui verificam-se valores extrínsecos, utilitários e instrumentais (Alport & Ross, 1967).

Pessoas com este tipo de orientação religiosa podem encarar a sua religião enquanto útil para diversos fins – como forma de obter segurança, socializar, distração estatuto social e como forma de obter uma auto-justificação. Assim a crença que aqui se estabelece é moldada para se adequar às necessidades primárias. Em termos teológicos, a orientação extrínseca permite um voltar-se para Deus , sem que o indivíduo se volte para si mesmo (Alport & Ross, 1967).

Relativamente a pessoas com orientação intrínseca, estas encontram a sua completa motivação na crença religiosa. Outras necessidades, por muito fortes que sejam , são consideradas como menos significativas , sendo , tanto quanto possível, moldadas no sentido de se adequarem às crenças e prescrições religiosas. Há aqui uma internalização da moralidade religiosa sendo esta seguida à risca. Há assim uma vivência total da religião (Alport & Ross, 1967).

1.40 Masoquismo na Teoria Psicanalítica

Como explicado anteriormente, verifica-se uma componente masoquista, e consequentemente depressiva na forma como nos relacionamos com a religião, assim torna-se necessário compreender este mecanismo masoquista e sua influência nas relações que estabelecemos.

A história conceptual do Masoquismo iniciou-se através dos estudos de Freud quando este observou e descreveu três categorias de masoquismo no seu trabalho de 1924 *“The Economic Problem of Masochism”* (Shainess,1997). Segundo Freud(cit in Shainess 1997), os processos psíquicos da corrente masoquista tenderiam a ser governados pelo princípio do prazer, sendo que este tipo de comportamento poderia ser expresso em três formas: como resultado do prazer sexual (sendo denominado o tipo de masoquismo erotogénico), masoquismo feminino, enquanto expressão da passividade feminina que se apresenta no coito e a dar à luz, e um terceiro tipo em que existia um sentimento de culpa , em grande parte, inconsciente, a que denominou de masoquismo moral.

Freud (1957),observou que este último grupo alusivo ao masoquismo moral, referia-se a homens que, aparentemente, eram impotentes e fantasiavam serem batidos ou amarrados. O autor achava que este último tipo era o mais importante estando ligado ao instinto de morte e ao medo de ser devorado pelo Totem animal – o pai.

É em “Luto e melancolia” (1957) que Freud fala da dor enquanto reacção à perda do objecto, neste caso enquanto luto ou melancolia, em que o Eu perde um objecto significativo e sente dificuldade em desinvestir desse mesmo objecto, chegando a voltar a agressividade sobre o Eu, num acto masoquista.

Segundo Gordon (1987),o masoquismo corresponde não só à procura do sofrimento físico em si, como também a estados psicológicos de submissão, dependência dos outros, sentimento de desamparo. Enquanto uns encaram o masoquismo como símbolo da auto-destruição, outros conceptualizam-no enquanto forma de resistir à experiência de destruição do self. Assim a dor é usada como prova de que existe alguma forma de identidade. O masoquismo pode assim ser entendido como forma de o próprio se beliscar por forma a saber que existe.

Eleanor Galenson (Shainess,1997), leva os conceitos de Freud referentes ao masoquismo um pouco mais além. Segundo a autora, tal mãe não poderia tolerar as agressões normais presentes na fase anal do desenvolvimento, levando assim ao

desenrolar de uma interacção sado-masoquista entre mãe e criança. O problema que aqui se coloca é a incapacidade que a mãe expressa em deixar que a criança desenvolva e expresse a sua própria vontade e sentido de self, o que leva a uma relação em que a criança se sente acusada por querer expressar a sua vontade (Shainess,1997).

Bieber (Shainess,1997), ao examinar as origens do masoquismo e do sadismo considerou o masoquismo enquanto manobra adaptativa para ultrapassar a desilusão sentida face à necessidade de ser amado pelo objecto e verificar que esse objecto não se dispõe a tal. Tal poderia ser expresso através da seguinte frase “olha como sou miserável – por favor ama-me”. Desta forma o sofrimento masoquista poderia ser visto como manobra que leva o sujeito a evitar exigências evocando a culpa nos outros, daí a necessidade do sofrimento.

No masoquismo, o indivíduo sofre na relação com o objecto, para ter o direito a ser amado, manter o amor do objecto e ser admirado pela sua capacidade de sacrifício e sofrimento, ao mesmo tempo que sabe , inconscientemente, estar a satisfazer a necessidade sádica do objecto, e com isto segurá-lo (Coimbra de Matos, 2001).

Tendo em conta experiências de infância, a personalidade masoquista desenvolve-se sendo caracterizada pela tendência a comportamentos que conduzem ao insucesso. Segundo Coimbra de Matos (2001),o masoquista não tem prazer no sofrimento, mas sim uma enorme carência e necessidade de afecto e de reconhecimento que o leva a procurar desesperadamente afecto e apreço ainda que à custa de algum sofrimento.

1.5 Masoquismo Moral

Segundo Freud (Carveth,2001), o masoquismo moral ,enquanto forma de auto-punição, traduz-se numa manifestação, embora disfarçada, do regresso da agressividade reprimida. Tal manifestação expressa-se assim nas operações de um supereu sádico que redirecciona a agressividade do id, face a um objecto externo, para o próprio ego. Segundo o mesmo autor (Freud, 1961), na maior parte dos casos e formas de neurose, a culpa surge como elemento que permanece inconsciente.

Ao analisar os seus pacientes masoquistas, Freud (Shainess,1997), verificou que estes não possuíam um fácil acesso à noção de sentimento inconsciente ou culpa e decidiu substituir esta noção pela de sentimento de culpa inconsciente adicionando também a noção de necessidade de punição.

Os comportamentos de auto-destruição, auto-punição, embora à primeira vista o sujeito possa não possuir uma consciência do papel que eles desempenham no seu próprio sofrimento, podem muitas vezes indiciar a sua origem, isto é, a necessidade inconsciente de sofrimento (Carveth,2001). Assumindo que os comportamentos auto-agressivos são uma forma de manifestação da culpa, e não existindo consciência dessa culpa, Freud (Carveth,2001), equaciona estas manifestações como uma necessidade inconsciente de punição.

Tal como as operações inconscientes do superego punitivo podem encontrar a sua expressão em padrões de auto-agressividade manifestos, também o masoquismo pode encontrar a sua expressão em formas de descontentamentos, aflições, submissão, isto é, em elementos encarados como substitutos da culpa (Carveth,2001). Assim, a auto-punição vai servir enquanto defesa face ao processo de tornar consciente a própria culpa e aceder ao próprio sentimento de culpa. Este tipo de comportamentos, o masoquismo moral ,o sofrimento ,quer físico quer psicológico, é preferível ao insuportável sentimento de culpa. Isto porque quando o superego, tendo uma base sádica, punitiva e origem na relação com a figura materna, nos julga enquanto culpados a reacção de defesa é evitar sentir a culpa, conduzindo assim directamente ao castigo do próprio por forma a atenuar e eliminar esse sentimento.

A culpa, enquanto irracional e patológica, impede que haja a possibilidade de escolha, aceitação e consequente reparação. A base do masoquismo moral é então o sentimento inconsciente de culpa, face aos movimentos de projecção e destruição do bom objecto (segundo a teoria Kleiniana), bem como face à desculpabilização do objecto e consequente culpabilização do próprio, que levam à impossibilidade de reparação.

Segundo Bleichmar (1983), existem duas condições para o masoquismo. Uma corresponde à situação em que o masoquismo surge enquanto forma de procurar e obter o amor do objecto. Aqui, o sofrimento actua como sacrifício ritual, isto é, constitui-se enquanto meio que o sujeito crê ser adequado. O sofrimento, constitui-se como contrasenha para o amor, sendo vivido pelo indivíduo como um indício de bondade. Este tipo de condição é premiada de forma cultural. Há uma certa tendência para premiar o sofrimento o que leva a que a pessoa confunda o facto de que se lhe chame de “coitado” com o facto de ser alguém querido, levando assim a uma fixação a uma forma de procura de amor através do sofrimento. O sujeito não se identifica com a dor mas sim com a contemplação da dor a partir de uma perspectiva de amor pelo que sofre

(Bleichmar,1983). Nestes casos, a intenção não é provocar o sofrimento para si mesmo mas sim o amor do outro, o que se verifica é que o indivíduo fica de alguma forma fixado na própria imagem que tentou criar, passando assim a tomar este sofrimento enquanto forma de identidade.

Aqui podemos ver ligações com a submissão anteriormente verificada no tipo de relação que o indivíduo pode estabelecer com Deus e a sua religião.

Na segunda condição para o masoquismo há uma busca concreta do sofrimento em si. O sujeito diz para si mesmo “eu mereço sofrer”, sendo que o prazer não é o do que sofre mas sim de quem castiga. Neste caso, o prazer obtém a sua realização na identificação com o agressor e com a sua parte sádica (Bleichmar,1983).

No masoquismo moral propriamente dito (Bleichmar, 1983), verificamos uma dupla satisfação. Por um lado a parte que ataca (correspondente ao pólo de identificação com a figura vingadora), por outro lado a parte que sofre (correspondente ao pólo de identificação que sente que ao ser contemplado no seu sofrimento é considerado como alguém passível de merecer e ser amado).

1.6 Depressão

Embora o propósito deste estudo não seja a compreensão dos mecanismos depressivos, já aqui vimos que existe uma culpa depressiva implicada na forma como vivemos a nossa religião. Assim, torna-se necessário compreender a etiologia dos traços depressivos da personalidade e a etiologia da culpa ilógica.

O problema que se apresenta em estudar a depressão está, não em fazer a distinção entre o normal e o patológico, mas sim compreender a sua fenomenologia, os mecanismos psicológicos que estão presentes (Widlöcher,1995). Isto é, não se trata de estabelecer os limites entre a normalidade e a patologia mas sim encarar este estado enquanto um contínuo, desde as alterações de humor a estados mais graves de depressão.

Como já aqui verificámos o mecanismo do masoquismo moral possui uma base depressiva, nomeadamente um mecanismo depressivo ligado à culpabilidade. Também aqui verificámos que existe um paralelo entre os mecanismos do masoquismo e a forma como vivemos a religião. Neste sentido, torna-se necessário compreender que mecanismos depressivos condicionam esta nossa vivência.

Segundo Freud (Marcelli & Braconnier, 2005), a organização depressiva é caracterizada através de oito pontos: a perda de objecto, o desejo de incorporar o objecto, a tendência narcísica, a parte de si desvalorizada (que é a réplica interior do objecto perdido), a depreciação de si próprio, a ambivalência, a auto-agressão e o superego com carácter punitivo.

Em 1917, Freud, iniciou os estudos relativos à depressão, nos quais postulou que um importante factor das tendências depressivas consiste na vivência da perda precoce do amor do objecto (McWilliams, 2005).

Segundo Freud (cit in Marcelli & Braconnier, 2005), duas grandes componentes são encontradas no comportamento depressivo. A perda do objecto e as transformações narcísicas da personalidade, o que está implícito na agressividade, na destruição e na ambivalência, existindo assim um afecto depressivo de base que ao nível do comportamento se manifesta por um isolamento, inibição ou lentidão.

1.7 Etiologia

Como vimos anteriormente na base da etiologia depressiva encontramos uma perda respeitante à perda de amor do objecto.

Na génese desta disposição encontra-se a perda da esperança de recuperar o amor perdido do objecto, e na progressão desses mesmos sintomas encontramos a baixa auto-estima, a culpa irracional (que já aqui vimos estar implicada no masoquismo moral). O sujeito para explicar essa mesma perda irá culpar-se, bem como realizar a sequente identificação imagoico-imagética, ao objecto desnarcisante e culpabilizante (Coimbra de Matos, 1997).

Fairbairn (Coimbra de Matos, 1999), designa este mecanismo defensivo “defesa moral”, “defesa pela culpa” ou “defesa do Supereu”, em que o sujeito toma sobre si o fardo da maldade que parece residir nos seus objectos.

Spitz (Bleichmar, 1983), observou em bebés de 6 a 12 meses, que, aquando da separação das suas mães (com as quais haviam estabelecido previamente uma boa relação), desenvolviam uma série de alterações comportamentais em resposta a esta perda. Inicialmente choravam imenso, como forma de chamarem à atenção, sendo que depois se retraíam ficando prostrados no berço. Ressaltou assim que a sintomatologia das crianças separadas das suas mães se assemelha de modo surpreendente aos sintomas

que nos são familiares na depressão em adultos, sendo que a perda do amor do objecto é o acontecimento vital.

Como explicação deste quadro, Spitz (Bleichmar, 1983), refere que na ausência do objecto libidinal as pulsões ficam privadas do seu alvo ficando em suspenso. Ao debruçarmo-nos sobre as pulsões agressivas verificamos que o bebé vira estas pulsões contra si mesmo, o único objecto que lhe resta.

No lactente ,segundo Spitz (Bleichmar,193), após a separação da mãe, este torna-se hiperactivo e chora, no adulto algo de semelhante acontece e ocorre-lhe pensar que seria possível recuperar o objecto materno, dizendo a si mesmo “se tivesse feito isto...” (Bleichmar, 1983), verifica-se uma desculpabilização do objecto e uma culpabilização do próprio por não ter feito algo que impedisse a perda.

Neste tipo de mães, o filho, não tendo correspondido narcisicamente ao que foi projectado pela mãe, vai ser investido de forma ambivalente – desejado porque é pelo menos um simulacro do atributo narcísico de que a mãe está carente e sujeito a uma extrema rejeição por representar a desilusão real que trouxe à efectivação do fantasma inconsciente da mãe (Coimbra de Matos, 2001). Trata-se não só de uma rejeição, como também se traduz numa recusa dos desejos da própria criança, verifica-se assim um défice da função de *holding*¹.

Consequentemente, segundo Coimbra de Matos (2001), ao longo de todo o seu desenvolvimento, o sujeito irá vivenciar a carência de um bom objecto, narcisante e seguro, o que conduzirá a uma tendência em ligar-se a objectos que repliquem esta mesma realidade, algo que se verifica na personalidade depressiva e narcísica.

A relação que se estabelece tem tendência a ser uma relação severa e exigente, condicionando assim na criança um Ideal do Eu, precocemente organizado, de origem materna, e representando para o sujeito metas que são dificilmente atingíveis.

Segundo Coimbra de Matos (2001), a vertente narcísica da depressão instala-se aquando da desidealização da sua imagem, repercutindo-se assim os seus efeitos aquando do período de latência. Esta mesma desidealização é determinada e conduzida pela experiência do real, em que a criança vai não só sentindo que não é tão admirada como julgava, que não é tão onipotente como pensara. A par deste processo, a idealização e a onipotência são projectadas no objecto, pois se ele, infante, não é

¹ Segundo Winnicott *Holding* significa a forma como a criança é pegada , desempenhando essencialmente uma função de protecção contra todas as experiências frequentemente angustiantes que são sentidas desde o nascimento (Golse, 2005).

perfeito então alguém o será – mãe, pai, Deus – levando também a um sequente sentimento de humildade e dependência (Coimbra de Matos, 2001).

Quando este processo ocorre de forma abrupta, por decepção edipiana, a resposta depressiva e o sentimento de inferioridade e culpa serão uma marca permanente. Tal, se aliado a uma anterior relação de aspiração narcísica, de desamor e de culpabilização, torna as experiências de abandono e rejeição em algo mais profundo, isto é, irá existir depressividade (Coimbra de Matos, 2001).

Engel (Grinberg, 2000), refere a retirada depressiva que o Eu realiza como que um evitamento da perda, usando assim diferentes mecanismos como os de negação, incorporação, introjecção, projecção e identificação. Para manter a auto-estima, o Eu procura iludir-se ao considerar que a perda não foi significativa ou então procura um objecto externo para substituir a perda e para se assegurar da continuação da provisão.

No adulto, a inibição por perda do amor do objecto não se trata simplesmente da ausência de motivação para se aproximar desse objecto, o que acontece é que esta inibição não se restringe aos elementos internos face ao objecto perdido mas sim uma inibição que se estende aos restantes objectos (Bleichmar, 1983). Isto acontece porque o desejo do objecto, que é sentido como perdido, ocupa todo o espaço mental do sujeito, sugando para si toda a energia disponível, trata-se assim de uma fixação a esse desejo que é sentido como irrealizável, situação que se traduz numa intensa carga de ansiedade.

Antes de passarmos para a compreensão da posição depressiva da personalidade é necessário ter em conta alguns elementos para uma classificação das depressões, isto é, ter em conta que existem depressões com uma dimensão anaclítica e depressões com dimensão mais centrada na culpabilidade. Tal será explicado mais adiante no que diz respeito aos tipos de experiências depressivas.. Assim torna-se fundamental compreender a relação entre os sentimentos de inferioridade da tensão narcisista e os sentimentos de culpa. O que se verifica, de semelhante, na culpa e na tensão narcísica é que não se cumpre com um ideal, residindo aí a semelhança. As diferenças estabelecem-se então no tipo de ideal que não se satisfaz, na responsabilidade que o indivíduo possa sentir ou não com respeito ao cumprimento desse ideal e na preocupação pelo estado do objecto (Bleichmar, 1983).

Na culpa, o ideal corresponde à expressão “não danificarás”, ou “não prejudicarás”. Por outro lado, na tensão narcisista, o ideal correspondente é que se for satisfeito permitirá o sentimento de perfeição e valor. Se não houver o cumprimento de tal ideal o sujeito não se sentirá amado, eleito, mas sim rejeitado. Quando nos referimos à perda do

objecto, estabelecemos com precisão que qualquer circunstância em que o desejo seja sentido enquanto irrealizável, que não se atinja algo pretendido e se cumpra a condição de que se mantenha a fixação ao desejo, tudo isto poderá resultar numa depressão (Bleichmar, 1983). Neste caso, se o ideal é de perfeição (narcísico), a não satisfação de tal ideal dará lugar à depressão narcísica. No entanto se o ideal é o de “não danificarás” e se o sujeito sente que destruiu o objecto (na realidade ou na fantasia), então a consequência será a de se sentir o objecto como danificado e o sujeito enquanto mau e culpado, dando assim origem à depressão culposa ou de culpabilidade (Bleichmar, 1983).

Segundo Coimbra de Matos (2001), a depressão de culpabilidade é a depressão clássica, exigindo para a sua organização que o indivíduo tenha atingido uma evolução psíquica que lhe permita compreender ou fantasiar a intenção malévola do objecto, isto é, que tenha chegado à fase em que o objecto é percebido enquanto objecto portador de desejos, algo que só acontece a partir da fase anal (segundo a concepção freudiana do desenvolvimento da psicosexualidade). É então um tipo de depressão que se apresenta mais nas personalidades de estrutura obsessiva.

Segundo Bleichmar (1983), na categoria de depressão de culpabilidade verificamos que esta pode ser produzida por dois elementos: 1) Elevados ideais de não agressão e de bem-estar do objecto, visíveis em pessoas que, por ser o máximo o ideal de não agressão, qualquer coisa que façam as situa como agressivas e portanto culpadas; 2) Os que ficam identificados com a representação de si como alguém mau, agressivo e que portanto deduzem que devem ter agredido. Neste último elemento, o sujeito pode sentir-se mau através de duas possibilidades: a) por se identificar com figuras culposas; b) por sentir que danificou o objecto com respeito ao ideal de objecto intacto (Bleichmar, 1983).

Tendo passado em revista a génese da depressão enquanto entidade nosológica surge então a necessidade de compreender a disposição depressiva da personalidade.

1.8 Personalidade Depressiva

Independentemente da entidade clínica, da depressão em si, existe a personalidade, isto é as estruturas de carácter, a existência de traços depressivos que por si só não chegam para se realizar um diagnóstico de depressão. Falamos então de uma estrutura de personalidade que predisporia para a depressão ou que incluiria traços que podem ser considerados enquanto formas atenuadas de sintomas de depressivos. É nesta distinção que se baseia o presente estudo, pretendendo assim associar estes mesmos traços depressivos com a religiosidade e com a culpa.

Assim, alguns autores acham que não chega simplesmente estudar a entidade mas que temos que estudar de que forma se caracterizam estes mesmos traços depressivos, podendo eles ter uma dimensão mais anaclítica ou de culpabilidade.

Foi Kraepelin (Silverstein, 2007), quem lançou as bases para as descrições clínicas dos síndromes depressivos, aos quais denominou de temperamento depressivo. Segundo o mesmo a depressão crónica seria uma condição menos severa num *contínuum* do que agora é referido como depressão bipolar e unipolar.

Rado (Silverstein, 2007), desenvolveu a teoria psicanalítica da patogénese desta condição depressiva enfatizando a importância da agressão que está presente no conflito entre o ego e o superego. Esta teorização foca assim a perda de auto-estima bem como o sentimento de ausência de esperança em favor da ambivalência e da culpa enquanto forças psíquicas capazes de potenciarem o desenvolvimento da depressão. O autor explica assim como os desejos hostis, dirigidos face a um objecto de amor introjectado e sentido como perdido, se viram contra o próprio *self* (inflexão da agressividade), sendo depois transformados em culpa e numa auto-punição.

Segundo Coimbra de Matos (2001), a depressividade trata-se de um traço de carácter, separando-o da depressão ou estado depressivo. O conjunto trata-se assim da doença depressiva, isto é, uma personalidade depressiva com traços egossintónicos de que sobressaem o humor depressivo e a irritabilidade, em que surgem episódios depressivos (com sintomas egodistónicos de desânimo, tristeza, inferioridade e culpa).

A depressividade é uma disposição depressiva que algumas pessoas apresentam, uma depressão latente. Não há uma consciência de que perderam o afecto do objecto.

Trata-se de uma situação permanente de frustração, não só porque se desenvolveu no seio de uma relação que nega todas as necessidades do sujeito, como também se encontra posteriormente sujeito a um Supereu sádico e castrador, com base na

identificação que fez ao objecto primário, e Ideal do Eu com metas extremamente irrealistas. O depressivo é então o que se costuma de chamar de “frustrado”.

Kernberg (Silverstein, 2007), descreveu um tipo de personalidade denominado de depressivo-masoquista, no qual as motivações e crenças do sujeito em relação aos outros se centram numa atitude que provoca rejeição ou maus-tratos.

Quando falamos de depressividade, esta corresponde a um conflito com os introjectos, que se traduz num constante esmagamento do *Self* e esgotamento do Eu. Consequentemente origina-se um sentimento de inferioridade, revelando um esforço defensivo e constante para não se deixar deprimir pela cedência à opressão do objecto interno. Esta luta constante apresenta-se enquanto traço mais significativo da relação de objecto interno na depressividade (Coimbra de Matos, 2001).

A depressividade ou disposição depressiva é uma condição psíquica na qual se verifica uma dificuldade de investimento da acção resultante de uma excessiva submissão ao objecto. O objecto, que é em regra o objecto primário, tem as características de um objecto controlador e é bastante idealizado pelo sujeito. Desta relação desenvolve-se um Supereu precoce extremamente punitivo e castrador, inibindo qualquer actividade espontânea bem como a libido. Consequentemente há a formação de um Ideal do Eu megalómano, ao qual o próprio Eu faz uma identificação, isto é, uma identificação a um objecto punitivo e inibitório (Coimbra de Matos, 2001).

1.9 Dois Tipos de Experiências Depressivas

Como vimos, Coimbra de Matos (2001), fala-nos de depressão, destacando a existência de uma personalidade depressiva e afirmando que só se deprime quem já estava depressivo. Assim, facilmente poderemos pensar a existência de uma continuidade entre o normal e o patológico, isto é, podemos pensar que as características internas dos indivíduos com depressão clínica podem também estar presentes em indivíduos não clinicamente deprimidos (Campos, 2000). Nestes casos estaríamos perante uma determinada vulnerabilidade a este tipo de funcionamento psíquico.

Blatt (1974), na sua conceptualização do fenómeno depressivo tem por base o postulado da existência de dois tipos de vulnerabilidade à doença depressiva, que se estruturam na infância como consequência de distúrbios nas representações internas das relações de objecto. Segundo o autor, o fenómeno depressivo teria a sua origem em dois

tipos de personalidades vulneráveis: a configuração anaclítica (também denominada de dependentes) e a introjectiva (ou de auto-criticismo). Segundo Blatt (Campos, 2000), quer os estados depressivos clínicos, quer o humor depressivo em populações não clínicas teriam a sua origem nos estilos caracteriais introjectivo e anaclítico, sendo que cada um deles origina um estado depressivo diferente. Tendo em conta a conceptualização de Blatt, Zuroff e Mongrain (Campos, 2000), consideram os estados depressivos introjectivo e anaclítico enquanto experiências universais, sendo que os indivíduos vulneráveis apenas vivenciam mais um dos tipos de depressão-estado relativamente a outro, e mais vezes, relativamente aos não vulneráveis.

Blatt (1974), conceptualiza assim estes estados tendo por base as ideias de dependência e de auto-criticismo enquanto características que levam a uma predisposição à depressão ou ainda enquanto estilos de personalidade (Campos, 2000).

Blatt (1974), utiliza o termo anaclítico descrevendo o tipo de depressão que resulta de uma disrupção precoce da relação privilegiada com o objecto primário, podendo esta ser distinguida do tipo de depressão introjectiva por esta resultar de um superego rígido e punitivo que leva a que o sujeito viva sentimentos de inferioridade, culpabilidade sem lógica e um desejo de reparação.

Blatt (1974), tal como Melanie Klein, refere-se à depressão anaclítica enquanto primariamente focada na relação primária, aquela que se estabelece com a mãe, em que as experiências de culpa são relativamente menores sendo que os medos predominantes são os de abandono e de não ser amado pelo objecto. Este tipo de depressão tem sido caracterizado na sua natureza enquanto primariamente oral e relacionado com as reacções precoces face a falhas narcísicas, perdas de amor do objecto e medo de não ver as suas necessidades satisfeitas.

É assim caracterizada por um tom disfórico que surge do sentimento de abandono e de não se sentir amado, desejado, um sentimento de rejeição. O indivíduo, nestes casos, expressa uma dependência infantil, possui uma fraca capacidade para tolerar a frustração e deseja uma satisfação imediata, de ser amado e cuidado. Tais sentimentos levam assim a que o indivíduo se sinta sem esperança na procura de gratificação para a sua imensa necessidade de se sentir amado (Blatt, 1974), isto leva a que as relações que se estabelecem ao longo do desenvolvimento sejam relação na base da incorporação, indiferenciadas, baseadas na necessidade de gratificação, na tentativa de preencher o vazio sentido.

Havendo uma incapacidade de internalizar a representação das experiências de gratificação há uma necessidade constante da presença física do objecto, o que leva a que a separação e a perda do objecto sejam resolvidas através de meios primitivos tais como a negação e a incessante busca de substitutos (Blatt,1974). O indivíduo vive assim num medo constante de abandono, expressando uma grande vulnerabilidade face ao objecto, sendo incapaz de expressar sentimentos como a zanga e a raiva .(Blatt,1974).

O termo introjectivo expressa a relação da depressão introjectiva com a formação do superego e com a predominância dos processos psicológicos introjectivos. Jacobson(Blatt,1974),fala em identificação introjectiva com um mau objecto, representada no sujeito, a partir da qual o superego se torna um elemento punitivo enquanto reanimação de um objecto, que foi sentido enquanto, destrutivo, severo, agressivo e mau. Aqui verificamos as bases do masoquismo, isto é, a identificação a um mau objecto.

Relativamente à depressão introjectiva, Rado (Blatt,1974), refere-se que neste tipo predominam temas como a culpabilidade, expiação e perdão. Tais sentimentos derivam de preocupações como a de não ser merecedor de amor em vez de a preocupação de rejeição, a culpa por não ter vivido de acordo com determinadas expectativas do objecto. A culpa aqui resulta de tentações e pensamentos de transgressão, tal como nos fala Coimbra de Matos (2001) relativamente à depressão de culpabilidade, sendo o indivíduo sente que transgrediu algo, sendo por isso merecedor de castigo (devido a superego extremamente punitivo), o que leva a que assuma a culpa e a responsabilidade, que muitas vezes é atribuída a figuras externas.

Estamos presente um nível de desenvolvimento psicológico superior ao que se verifica na depressão anaclítica, uma vez que envolve a capacidade de introjecção, sendo que o principal mecanismo de defesa é a introjecção ou identificação ao agressor, assumindo assim a culpa e responsabilidade e levando a uma inflexão da agressividade face ao Eu, agressividade outrora direccionada ao objecto.

No âmbito desta tese o que nos interessa é o tipo de depressão introjectiva, em que se verificam sentimentos de culpabilidade, necessidade de assumir a responsabilidade , identificação ao agressor e uma necessidade constante de aprovação e de ser merecedor do amor do objecto. Este tipo de indivíduos atacam e criticam-se de forma frequente, experimentando sentimentos de culpa, vergonha e desvalorização. São indivíduos que tiveram medo de perder a aprovação dos pais uma vez que sentiram não ter atingido as expectativas e objectivos que lhes foram impostos (Campos, 2000).

O que se verifica na história destes indivíduos é que o amor parental foi contingente à submissão da criança em relação aos padrões e metas impostas por eles, conseqüentemente verifica-se uma repetição dos padrões de relação estabelecidos com os pais nas relações que estabelecem futuramente, podendo vir a expressar comportamentos de auto-agressividade (em que se insere o masoquismo moral) e hetero-agressividade.

1.10 Culpa na Etiologia Depressiva

Enquanto ponto central da teoria da moralidade de Freud encontra-se a instância superegógica, herdeiro do Complexo de Édipo e resultado da internalização parental (Tangney, 1994). Segundo esta perspectiva, o superego representa um papel de relevância na manutenção do comportamento moral e no desenvolvimento de sintomas psicológicos, como resultado da sua relação com id, ego e com a realidade em si.

Através da análise das obras de Freud, verifica-se que este se refere ao termo culpa no sentido moral, ético, referindo-se também ao estado de ser culpado de uma transgressão, ao contrário de sentimento de culpa. Com o desenvolvimento do seu trabalho, Freud, veio a definir o sentido de culpa enquanto percepção da resposta do ego ao criticismo do superego, bem como enquanto percepção que o ego tem de ser vigiado (Tangney, 1994).

Uma vez constituído o ideal do ego² e vivenciada a tensão narcisista, o sujeito pode satisfazer sua intencionalidade agressiva através do sofrimento que alguém experimenta ao sentir-se inferior, mau. Aqui, verifica-se a importância simbólica da palavra. Isto é, a palavra ganha a eficácia simbólica de uma arma o que possibilita que se faça sofrer mediante a inferiorização e a utilização do ridículo (Bleichmar, 1983).

Quando a agressão está dirigida ao próprio (inflexão da agressividade), isto é, quando, segundo Weiss, este não se ama mas se odeia através do encadeamento agressão – desvalorização – colapso narcisista, pode cair na depressão (Bleichmar, 1983).

No processo da inflexão da agressividade o mesmo mecanismo é verificado. Isto é, há o desenvolvimento de uma relação do indivíduo consigo mesmo sendo que, neste caso, o ego é encarado enquanto objecto de ódio (Bleichmar, 1983).

² Segundo Bleichmar (1983) o ideal do ego surge num duplo sentido: perfeito e ansiado de ser como ele e também ideal enquanto ilusório. Podemos assim definir o ideal do ego enquanto representação de uma personagem que possuiria os atributos de máxima valorização.

Ao examinarmos a teoria de Melanie Klein (Grinberg,2000), verificamos que segundo a autora a agressão gera culpa quando se processa a integração do objecto bom e mau, passando este a ser representado, sentido enquanto objecto total. Com a consequente integração das partes clivadas do objecto verifica-se também a integração de emoções como o amor e o ódio, originando assim sentimentos de culpabilidade pelo que fez ao objecto. Como resultado deste processo, ou seja, na passagem da posição esquizo-paranóide para a posição depressiva (Grinberg,2000), o sujeito sente-se assim culpado e mortificando-se pelo objecto entra num processo depressivo. Que supõe então a teoria Kleiniana? A autora pressupõe o seguinte encadeamento: a agressão determina a culpa e esta por conseguinte determinará a depressão (Bleichmar, 1983).

Existe neste esquema dois pontos distintos a compreender. Um refere-se à agressão enquanto elemento capaz de gerar culpa, o outro, corresponde à culpa enquanto elemento capaz de colocar em marcha o desenvolvimento do estado depressivo.

Klein (Bleichmar, 1983), reconheceu que a agressão não implica automaticamente culpa, destacando que, na posição esquizo-paranóide, a agressão não gera remorso, preocupação pelo outro, ou desejos de reparação, sendo que estes só surgem aquando da passagem para a posição depressiva. Aquando da posição depressiva alcança-se a síntese dos objectos parciais originando a representação de objecto total sobre o qual convergem os impulsos de amor e ódio, com a preocupação correspondente ao facto de que se odeia e ama o mesmo objecto. Predominando o amor sobre o ódio sente-se responsabilidade e culpa pelos ataques realizados contra o objecto (Bleichmar, 1983).

Klein (Grinberg,2000), ao falar da posição e angústia depressiva, refere que existe uma fantasia do dano infligido aos objectos internos e externos pelos impulsos destrutivos do sujeito, sendo que a ansiedade depressiva está intimamente ligada aos sentimento de culpa e à tendência de reparação. Trata-se não de uma culpabilidade em relação ao objecto mas sim uma culpa direccionada ao próprio, uma reprovação de actos desastrosos para si mesmo.

O que determina então se o indivíduo se fixa na posição esquizo-paranóide ou na posição depressiva são as vicissitudes da presença ou da ausência de determinados códigos nas personagens significativas do indivíduo e da interiorização desses códigos no complexo jogo de desejos que se constitui o sujeito (Bleichmar, 1983).

Assim, um indivíduo pode sentir-se culpado, não pelo que fez ou fantasiou, mas sim se realiza uma identificação com a imagem que o outro lhe dá de si mesmo, imagem na

qual aparece como culpado, ou se por outro lado, se identifica com um objecto que por si só se sente culpado. Relativamente a esta última forma de identificação, trata-se de um sentimento de culpa inconsciente que não é próprio mas sim emprestado.

Como observado por Ferenczi (Coimbra de Matos, 1999), a culpa patológica, resulta de uma identificação à culpa do agressor, uma assimilação da culpa atribuída através do processo de identificação imagoico-imagética. Trata-se assim de uma culpa oriunda da projecção culpabilizante do objecto que o self introjecta, ou não fora a personalidade depressiva ter fundamentação na introjecção.

No seu livro, “*Depressão*”, Coimbra de Matos (2001), assume a posição que a culpa pode resultar de duas origens convergentes: a idealização do objecto com a sua correlata tendência a desculpabilizá-lo e a indução da culpa pelo objecto, o qual ao mesmo tempo de idealiza e faz idealizar. O que se verifica é que o sujeito projecta a sua bondade e introjecta a maldade do objecto e é este mesmo processo de inversão que conduz ao erro de avaliação da realidade cometido pelo depressivo, assumindo-se como mau e assumindo ser merecedor de uma punição.

Segundo Coimbra de Matos (1999), a culpa ilógica pode ter a sua origem num processo que tem por base a utilização da racionalização por forma a explicar a perda afectiva, a perda do amor do objecto, causa primeira e última da reacção depressiva: “o objecto abandonou-me porque eu sou mau”. Assim se inverte a agressividade sobre o próprio poupando o objecto e dá-se a inflexão da agressividade.

A relação depressígena consiste no facto de o objecto depressígeno (patológico) e patogénico da depressão culpar o sujeito e idealizar-se a si mesmo – é um objecto projectivo, agindo por identificação projectiva por forma a libertar-se da sua agressividade, e narcísico, idealizando-se e captando a idealidade do outro. A culpa que aqui se verifica é então uma culpa patológica por resultar da relação com um objecto que não desculpa mas culpa o outro, que não ama mas capta o amor do outro. A culpa aqui trata-se de nem sempre ter obedecido a tudo o que a mãe lhe exigiu. A imago materna, exigente e idealizada, que limita e espicaça na relação de objecto (Coimbra de Matos, 2001).

A defesa moral, acima referida, empregue para salvar a face do objecto, torná-lo bom – é um dos mecanismos mais destrutivos da auto-estima, consistindo assim na desculpabilização do outro com inculpação do próprio.

A depressão juntamente com o sentimento de culpa que é, ao mesmo tempo, a sua causa e o seu sintoma fundamental, provém de ataques reais ou fantasiados pelo Eu contra os outros (Grinberg,2000).

O sentimento de culpa inconsciente corresponde a um resíduo dinâmico, inconsciente do que se sentiu, actuando assim enquanto condicionante e propulsor de atitudes ou comportamentos cuja motivação real permanece inconsciente: a culpa outrora sentida, e agora ignorada, é que persiste como motivo oculto da conduta actual. Este sentimento inconsciente de culpa resulta de uma tensão entre o Eu e o Supereu. O código moral que o objecto impõe ao sujeito é assimilado por este e funciona como sistema (automático e inconsciente) de avaliação moralista do seu comportamento e intenções, actos e desejos que serão assim considerados moralmente reprováveis se em desacordo com essa lei interna, traduzindo-se assim numa culpa inconsciente (Coimbra de Matos, 1987).

O conceito de necessidade de punição surge assim enquanto equivalente ao sentimento de inconsciente de culpa, expressando-se no comportamento denominado de *masoquismo moral* (Coimbra de Matos, 2001).

Já aqui tivemos oportunidade de conhecer o conceito de culpa ilógica, irracional, que está presente nos mecanismos depressivos da culpabilidade, que nos são apresentados por Coimbra de Matos (2001), mas, embora o propósito deste estudo seja a compreensão da relação da culpa com religiosidade, é também necessário fazer a distinção entre culpa e vergonha.

Existem autores que fazem distinção entre culpa e vergonha . Lewis (2008), compreende a vergonha enquanto produto de um conjunto complexo de actividades cognitivas, enquanto avaliação do indivíduo das suas próprias acções. A vergonha não é produzida por uma situação específica , mas sim pela interpretação que o indivíduo faz do evento.

Culpa, por outro lado, surge , segundo o mesmo autor (Lewis,2008), quando o sujeito avalia o seu comportamento enquanto falha mas colocando foco nas acções específicas do self que conduziram à falha. Ao contrário da vergonha, que diz respeito ao self no seu todo, a culpa, segundo o autor, refere-se aos comportamentos e acções do self.

Embora este autor faça a distinção entre estes dois elementos, há que ter em conta que a culpa que está presente no mecanismo do masoquismo moral trata-se de uma culpa ilógica, que é integrada ao nível do self.

1.11 Religião e Saúde Mental - Estudos

São diversos os autores que se debruçaram sobre o estudo das relações entre a religião e a saúde mental, nomeadamente a influência da religião e da sua vivência.

Um dos estudos que vai neste sentido é o estudo de Sheldon(2006), em que este realiza uma comparação entre Católicos e Protestantes, tendo como alvo a culpa e as motivações religiosas.

Sheldon (2006), usou quatro grande amostra de estudantes universitários, tendo perguntado previamente a cada um deles qual a sua afiliação religiosa. Aos que expressaram ser Protestantes ou católicos foi administrada a escala cristã de internalização religiosa, que mede a introjecção religiosa bem como a identificação religiosa, aplicando também escalas de bem-estar psicológico.

Segundo o seu estudo, os indivíduos Católicos , em comparação com os Protestantes, não são motivados pela culpa nas suas práticas religiosas. Isto é, apresentaram baixos resultados no que diz respeito às motivações introjectadas. Este tipo de motivações diz respeito à culpa, sendo que apenas uma parte é internalizada ao nível do self. Tendo em conta que uma parte do self força a outra a evitar sentimentos negativos, isto leva a que muitas das vezes estas motivações sejam acompanhadas por sentimentos de ambivalência, conflito e pressões internas não adaptativas.

Num estudo de Exline, Yali e Sanderson (2000), procurou-se evidenciar o papel da tensão religiosa na depressão e no suicídio. A tensão religiosa neste contexto diz respeito às emoções negativas que derivam da consciencialização do pecado, e consequentemente da culpa, e da representação que se pode ter de Deus enquanto figura distante e punitiva.

Neste estudo, o que se verificou é que existe uma associação da tensão religiosa com níveis elevados de depressão e suicídio, tendo emergido como grande indicador de angústia psicológica. Sentimentos de alienação de Deus foram fortemente associados com depressão, particularmente em amostras clínicas. Outro ponto importante neste estudo é que se verificou que esta tensão religiosa está presente independentemente de a religião ser tida enquanto força positiva na vida do indivíduo e de ser fonte de conforto (Exline, Yali e Sanderson,2000).

Segundo uma revisão de Koenig(2009), no âmbito dos estudos quantitativos que procuram a relação entre a religião e a depressão, de entre 93 estudos , 2/3 verificaram

que existem fracas relações com perturbações ou sintomas depressivos entre indivíduos mais religiosos.

De entre 22 estudos longitudinais , 15 verificaram que uma maior religiosidade diminuía a probabilidade de expressão de sintomas depressivos. Noutro estudo, 865 pacientes com perturbação depressiva foram acompanhados durante 12 a 24 semanas, tendo-se verificado que os pacientes mais religiosos (iam semanalmente à igreja, rezavam pelo menos uma vez por dia, liam a Bíblia pelo menos 3x por semana e apresentavam níveis elevados na religiosidade intrínseca) recuperaram cerca de 50% mais depressão do que os pacientes não religiosos (Koenig,2009).

Um dos estudos que se apresenta como bastante importante no âmbito desta dissertação é a investigação de Adamson (2006), que se centra nos efeitos da religião sobre a depressão e a culpa.

O autor levantou as seguintes hipóteses: **1)** indivíduos com níveis elevados de religiosidade extrínseca apresentarão níveis elevados de culpa; **2)** religiosidade intrínseca apresentará correlações negativas com a depressão; **3)** religiosidade extrínseca apresentará uma correlação positiva com níveis de depressão (Adamson,2006).

Após a sua investigação os resultados obtidos foram os seguintes: a religiosidade intrínseca apresentou uma correlação negativa com níveis de depressão , isto é, os indivíduos que apresentam níveis elevados de religiosidade e/ou que lêem as escrituras sagradas sentem-se menos deprimidos; foram encontradas correlações positivas com a religiosidade extrínseca e a culpa, isto é, aqueles que iam mais vezes à igreja apresentavam maiores níveis de remorso em relação às suas acções; por último verificou-se que, a religiosidade extrínseca está negativamente correlacionada com níveis de depressão, isto é , aqueles que foram mais vezes à igreja , enquanto crianças, apresentavam menos probabilidade de estarem deprimidos (Adamson,2006).

1.12 Objectivos e Hipóteses de Estudo

Tendo em conta os estudos aqui referidos bem como as bases teóricas anteriormente explicitadas podemos colocar em evidência as questões que servem de pilar à investigação que se segue.

Verificou-se que existem estudos que demonstram não existir uma correlação positiva entre a religião e a depressão , bem como estudos que enfatizam os aspectos

positivos da religião no bem estar psicológico do indivíduo. No entanto também aqui verificámos que existem relações entre a forma como Deus é representado , e consequentemente a religião, e a tensão religiosa, sendo esta fonte de angústia.

O que distingue este estudo dos restantes apresentados, é que se baseia na distinção entre depressão , enquanto entidade clínica independente, e as estruturas de carácter com traços depressivos que por si só não constituem o diagnóstico de depressão.

Consequentemente, é também feita a distinção em experiências depressivas com uma dimensão ligada à culpa (forma esta que está aqui em estudo), e experiências depressivas com uma dimensão ligada ao desamparo, ao analitismo.

Esta dissertação tem como objectivo a procura do tipo de associações existentes entre traços depressivos de personalidade com a religião, e de associações com a culpa.

Isto é , procura-se perceber se na base da religiosidade intrínseca existe uma base masoquista moral.

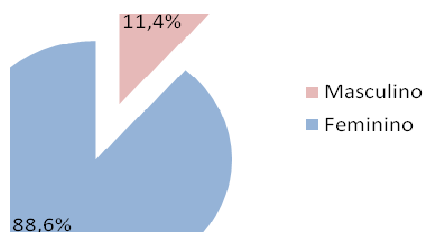
Neste sentido as hipóteses de estudo são as de que exista uma correlação positiva entre a religiosidade intrínseca e a culpa, uma correlação positiva entre a religiosidade intrínseca e as experiências depressivas de tipo introjectivo, bem como uma correlação positiva entre a culpa e as experiências depressivas de tipo introjectivo.

CAPÍTULO II – Metodologia

2.1 Caracterização e Selecção da Amostra

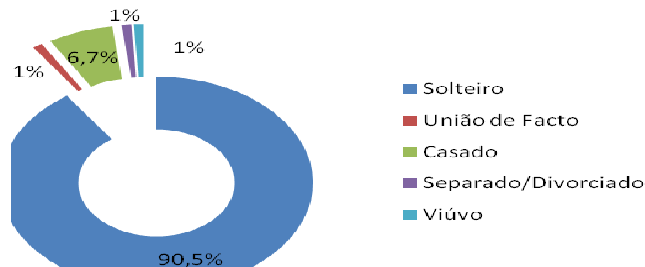
A amostra seleccionada para este estudo é constituída por 105 indivíduos, dos quais 88,6% são do sexo feminino e 11,4% do sexo masculino (Gráfico nº1). A idade média dos inquiridos é de 23,09 anos com um respectivo desvio padrão de 5,796. As idades oscilam entre os 19 e os 47 anos, sendo os 21 anos a idade modal da amostra (33,3%). (Output n.º1 Anexo A).

Gráfico nº1 – Sexo dos Inquiridos (Ver Anexo B)



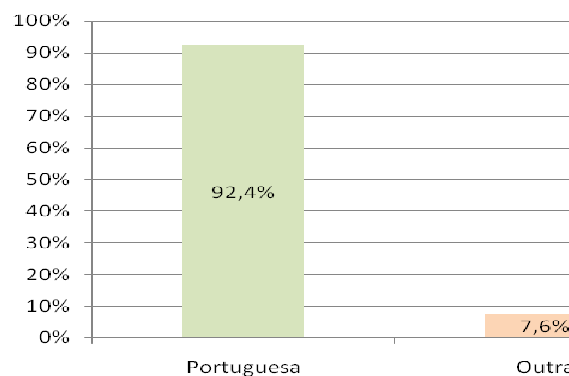
No que concerne ao Estado Civil, a grande maioria dos inquiridos são solteiros 90,5%, seguido de casado 6,7%. Os restantes inquiridos são viúvos (1%), divorciados (1%) ou vivem em união de facto (1%).

Gráfico nº2 – Estado Civil (Ver anexo C)



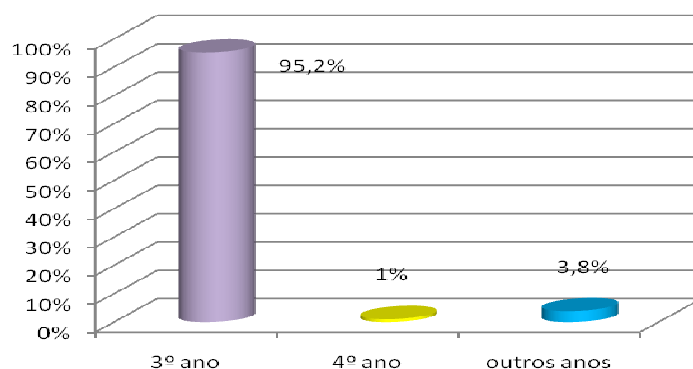
Do total dos inquiridos, 92,4% são de nacionalidade portuguesa. Os restantes 7,6% dizem ser de outra nacionalidade.

Gráfico nº3 – Nacionalidade (Ver Anexo D)



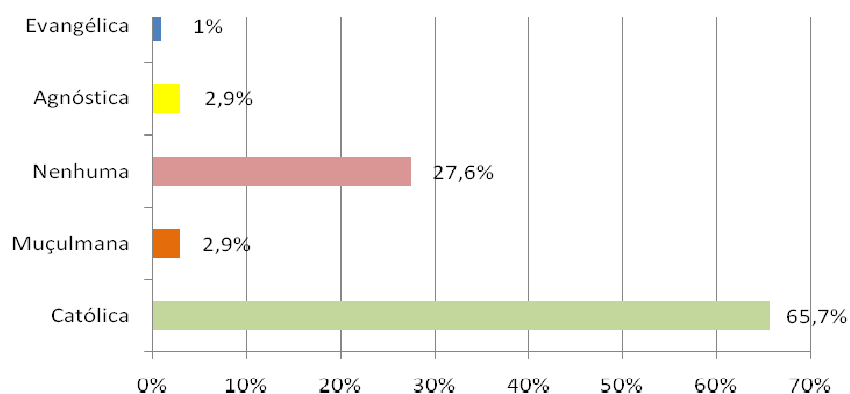
Todos os inquiridos são estudantes universitários do ensino superior, nomeadamente do 3º ano da Licenciatura em Ciências Psicológicas (Ver Anexo F) da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (Anexo E)

Gráfico nº4 – Ano de frequência na Licenciatura (Ver anexo G)



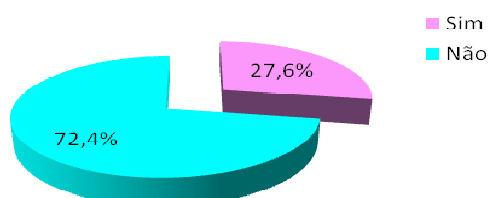
A maioria dos inquiridos diz ser católicos (65,7%), existindo contudo, uma parte significativa de inquiridos que referem não ter nenhuma religião (27,6%)

Gráfico nº5 – Religião dos inquiridos (Ver Anexo H)



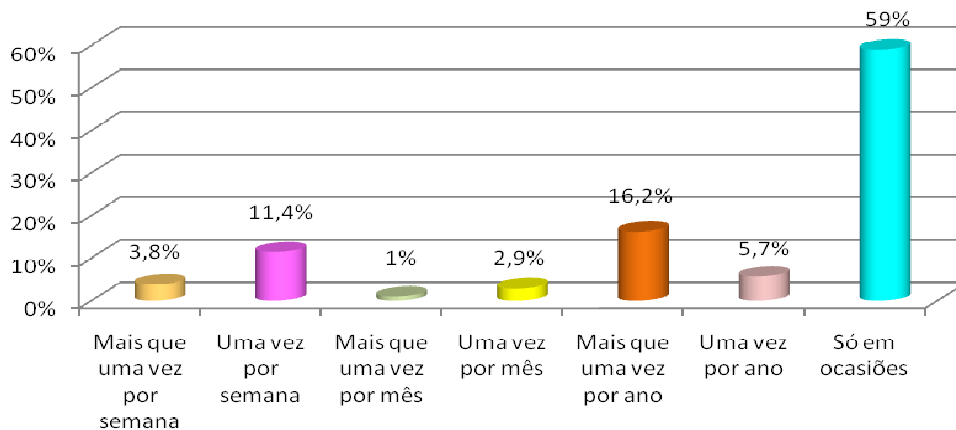
Do total dos inquiridos, só apenas 27,6% se considera praticante da sua religião.

Gráfico nº5 – Prática da Religião (Ver Anexo I)



Grande parte dos inquiridos menciona que só frequenta a igreja ou outro local de culto em ocasiões especiais (59%), outros que referem que a sua frequência é de mais de uma vez por ano (16,2%), há os mais assíduos que dizem que a sua frequência é de uma vez por semana (11,4%).

Gráfico nº6 – Frequência da igreja ou outro local de culto (Ver Anexo J)



2.2 Instrumentos de Recolha de Dados

2.2.1 Questionário Sócio-Demográfico

Foi elaborado um questionário sócio-demográfico (ver Anexo K) que consiste num conjunto de questões colocadas que dizem respeito a uma selecção de variáveis atributo, nomeadamente: a idade do indivíduo, género, estado civil, nacionalidade bem como questões ligadas à instituição de ensino, curso que frequenta, ano do curso que frequenta. Foram também incluídas algumas perguntas relativas À religião e `s práticas religiosas: se considera ser praticante e a frequência com que vai à igreja ou a outro local de culto.

2.2.2 Questionário de Experiências Depressivas (Q.E.D.)

Por forma a se medirem traços de personalidade associados à depressão introjectiva , fenómeno este presente no mecanismo do masoquismo moral utilizou-se o Questionário de Experiências Depressivas (Blatt, D’Afflitti et al., 1976; Blatt, D’Afflitti & Quinlan, 1979), tendo sido utilizada a versão Portuguesa (Ver anexo L) de Rui Campos (2000).

Blatt e colegas (Blatt, D'Afflitti et al., 1976; Blatt, D'Afflitti & Quinlan, 1979) desenvolveram o Questionário de experiências Depressivas (Q.E.D) que permite medir os dois tipos de depressão, anaclítica ou de dependência e introjectiva ou de auto-criticismo.

O desenvolvimento do Q.E.D ocorreu num quadro conceptual que privilegia a continuidade entre estados afectivos depressivos em populações não clínicas e a depressão clínica enquanto síndrome ou doença.

Os autores redigiram 150 afirmações que constituíam experiências descritas por indivíduos deprimidos no seu dia a dia, mas que não representavam necessariamente sintomas manifestos de depressão. São então afirmações que descrevem a forma como os depressivos se relacionam com os outros, como se sentem com eles próprios, a forma como conduzem as suas vidas e aquilo que mais os preocupa. Sessenta e seis dessas afirmações foram seleccionadas por vários juizes, uma vez que se revelavam como descrevendo experiências fenomenológicas típicas do depressivo, sem estarem associadas a qualquer escola teórica (Campos, 2000).

A análise factorial revelou a existência de três factores: o factor I, designado de “dependência”, inclui itens direccionados sobretudo para o exterior. Dizem assim respeito às relações interpessoais e envolvem temas como a preocupação com ser abandonado ou rejeitado, ou com perder os outros, sentir-se só e desamparado e querer estar perto, relacionar-se e depender dos outros. Envolve também preocupações sobre poder ofender ou magoar alguém, o que leva a dificuldades em expressar a raiva por medo de vir a perder a gratificação que o outro pode proporcionar (Blatt, 1974).

O factor II designado de “auto-criticismo”, é constituído por itens com uma dimensão mais interna, que expressam preocupações com sentir culpa, vazio interno, desesperança, insatisfação, insegurança e o sentimento de não ter estado à altura das expectativas e dos objectivos. Expressam também dificuldades em assumir responsabilidades, sentimentos de ameaça perante a mudança, sentimentos de ambivalência em relação ao próprio e aos outros, tendência em assumir a culpa e ser crítico em relação a si próprio e a desvalorizar-se (Campos, 2000).

Para além dos dois factores acima descritos a análise factorial revelou ainda um terceiro factor denominado de eficácia. Os itens que nele mais saturam, envolvem confiança sobre as capacidades e recursos do próprio, o sentimento de possuir força interior, ser capaz de assumir responsabilidades, sentir-se independente, orgulhoso e satisfeito com as suas próprias realizações.

2.2.3 Escala de Orientação Religiosa Revisada (*Age-Universal I/E - Revised Scale*)

Com o intuito de medir a religiosidade intrínseca e a religiosidade extrínseca utilizou-se o “*Age-Universal I/E-Revised Scale*” de Gorsuch & McPherson (1989), utilizando a versão para estudo (Ver anexo M) de Linares (2009).

O “*Age-Universal I/E Scale*” ,é um instrumento de medida dos constructos desenvolvidos por Allport e Ross em 1967, isto é, os constructos de religiosidade intrínseca e religiosidade extrínseca.

Este instrumento foi desenvolvido tendo por base a escala de orientação religiosa de Allport e Ross (1967) que até então permitia apenas a aplicação a adultos, sendo que esta versão permite também a aplicação a crianças e a adolescentes.

A Escala de Orientação Religiosa de Allport e Ross, de 1967 , é a escala mais conhecida que mede a orientação intrínseca e extrínseca face à religião.

A introdução da “*Age-Universal I-E Scale*” (Gorsuch & Venable,1983 cit in Maltby,1999), surgiu como forma de facilitar a medição da religiosidade extrínseca e intrínseca quer em adultos quer em crianças que frequentem a escola, sendo uma derivação da Escala de Orientação Religiosa de Allport e Ross (1967) mas que usa uma linguagem mais simples. Assim esta escala consiste num total de 20 itens, 11 que medem a religiosidade extrínseca (E) e 9 que medem a religiosidade intrínseca (I) (Maltby,1999).

Em 1988, Kirkpatrick (Gorsuch & McPherson,1989) tendo realizado diversos estudos com esta escala concluiu que a subescala da religiosidade extrínseca se dividia em duas categorias, nomeadamente, “EP” que se refere a itens extrínsecos que são pessoalmente orientados, e “Es” que se refere a itens extrínsecos que são socialmente orientados. Verificou também que alguns itens “E” reflectiam itens “I”. Tendo por base esta evidência foram feitas revisões da escala, tendo-se obtido uma escala com 14 itens, 8 itens de religiosidade intrínseca, 3 itens que medem a religiosidade extrínseca socialmente orientada e 3 itens que medem a religiosidade extrínseca pessoalmente orientada.

2.2.4 Test of Self-Conscious Affects (TOSCA)

Com o propósito de aceder à dimensão da culpabilidade no sujeito, aplicou-se o “(TOSCA) *Test of Self-Conscious Affect*” (Tangney, Wagner & Gramzow, 1989), utilizando a tradução portuguesa ,(Ver anexo N), de Geada (2000).

Este teste foi desenvolvido a partir do “(SCAAI) *Sel-Conscious Affect and Attribution Inventory*” (Tangney, Burggraf, Hamme & Domingos, 1988), consistindo numa série de curtos cenários (10 negativos e 5 positivos) que podem ser encontrados no dia-a-dia dos sujeitos e respostas associadas, permitindo ter acesso a índices das subescalas de Vergonha , Culpa, Externalização, Orgulho Alfa, Orgulho Beta e Separação/Despreocupação (Tangney & Dearing,2002).

Este conjunto de cenários foi elaborado a partir de relatos pessoais de algumas centenas de estudantes universitários e adultos, referentes a experiências de vergonha, culpa e orgulho. As novas respostas foram elaboradas a partir de um conjunto de respostas comportamentais, cognitivas e afectivas providenciadas por uma segunda amostra de adultos não universitários, reforçando assim a validade ecológica desta medida. Este teste foi assim desenvolvido para adultos de todas as idades, não sendo específico para estudantes universitários (Tangney & Dearing,2002).

Aos participantes pediu-se que se imaginassem nos cenários descritos e que classificassem cada uma das respostas sugeridas numa escala de 5 pontos de Likert (1- nada provável a 5 – muito provável). As classificações dadas aos diferentes cenários são somadas para se obter os resultados de cada uma das subescalas (Fontaine, Luyten, De Boeck & Corveleyn, 2001).

2.3 Operacionalização das Hipóteses

No capítulo anterior foram definidas as hipóteses e os objectivos de estudo.

Agora, após caracterização da amostra e da descrição dos diversos instrumentos de recolha de dados, pode-se proceder à operacionalização das hipóteses de estudo.

Neste sentido, de acordo com a hipótese 1 , anteriormente levantada, espera-se que um resultado elevado no factor da religiosidade intrínseca (I) da Escala de Orientação Religiosa (*Age-Universal I/E-Revised Scale*) de Gorsuch e Venable (1989) se correlacione positivamente com um resultado elevado no factor Culpa do “*Test of Self-Conscious Affect*” (Tangney, Wagner e Gramzow,1989).

Tendo em conta com a hipótese 2 anteriormente levantada, espera-se que um resultado elevado no factor da religiosidade intrínseca (I) da Escala de Orientação Religiosa (*Age-Universal I/E-Revised Scale*) de Gorsuch e Venable (1989) correlacione positivamente com um resultado elevado no factor II (auto-criticismo) do Questionário de Experiências Depressivas (Blatt, D’Afflitti et al., 1976; Blatt, D’Afflitti & Quinlan, 1979).

Por fim, relativamente à terceira hipótese levantada, espera-se que um resultado elevado no factor culpa do “*Test of Self-Conscious Affect*” (Tangney, Wagner e Gramzow, 1989) , esteja positivamente correlacionado com um resultado elevado no factor II (auto-criticismo) do Questionário de Experiências Depressivas (Blatt, D’Afflitti et al., 1976; Blatt, D’Afflitti & Quinlan, 1979).

2.4 Procedimentos

O conjunto dos instrumentos foi entregue a cada um dos estudantes, que deveria levar este mesmo conjunto para casa, responder e devolvê-lo no prazo de uma semana.

2.4.1 Procedimentos Estatísticos

O programa informático utilizado para se proceder à análise estatística dos dados foi o SPSS (*Statistical Package for Social Science*), versão 17.0 para Windows. Os dados recolhidos foram tratados com recurso à estatística descritiva, para efeito de descrição da amostra e dos resultados obtidos nos diferentes instrumentos.

Em relação à estatística inferencial, para estabelecer relações entre as variáveis e testar as diferentes hipóteses, utilizaram-se os testes não paramétricos coeficiente de *Pearson*. De modo a recorrer-se a estes testes estatísticos, foi necessário verificar o cumprimento de pressupostos inerentes ao seu uso.

Como tal, a consistência interna das escalas aplicadas foi calculada utilizando o coeficiente de consistência interna *Alfa de Cronbach*.

Capítulo III – Resultados

3.1 Consistência Interna das Escalas

Neste subcapítulo, será apresentada a análise da consistência interna dos instrumentos de medida utilizados, do Questionário de Experiências Depressivas, Escala de Orientação Religiosa Revisada e do *Test of Self-Conscious Affect*. Nos Anexo encontram-se as tabelas com os resultados do teste estatístico a que se recorreu – coeficiente de consistência interna *Alfa de Cronbach* –, tal como foram obtidas através do programa estatístico SPSS.

3.1.1 Questionário de Experiências Depressivas

A consistência interna verificada pelo *Alfa* de Cronbach reflecte o grau de covariância dos itens (do questionário Q.E.D) entre si. O valor de *Alfa* encontrado no conjunto dos 66 itens foi o de 0,755, mostrando-se adequado. Salienta-se que os itens analisados individualmente também se mostram adequadas, pois os seus valores de *Alfa* são todos superiores a 0,7. (ver Anexo O ;output n.º11).

3.1.2 Test of Self-Conscious Affect

O valor de *Alfa* encontrado no teste *TOSCA*, levando em consideração todos os itens, foi o de 0,777 mostrando-se adequado, uma vez que está acima de 0,6. Calculando esse parâmetro para cada item, verifica-se de igual modo, uma adequação individual. (ver Anexo P, output n.º12).

3.1.3 Escala de Orientação Religiosa Revisada (*Age-Universal I/E - Revised Scale*)

No que concerne à Escala de orientação religiosa revisada (IE), o valor de *Alfa* encontrado foi de 0,857, mostrando-se com boa adequação (ver Anexo Q, output n.º13).

3.2 Teste das Hipóteses

Para o teste das hipóteses será utilizado como referência para aceitar ou rejeitar a hipótese um nível de significância (α) $\leq 0,05$.

Em todas as hipóteses, uma vez que se pretende medir o grau de correlação entre duas variáveis de escala métrica (a partir de uma amostra aleatória da população), utilizou-se o Coeficiente de Correlação de Pearson para testar as mesmas.

H1 - espera-se que um resultado elevado no factor da religiosidade intrínseca se correlacione positivamente com um resultado elevado no factor auto-criticismo.

Entre a religiosidade intrínseca e o auto-criticismo a correlação linear é negativa (-0,081) fraca e não significativa em termos estatísticos, uma vez que, o nível de significância associado ao teste de 0,413 – superior a 0,05. Tal, significa que a correlação entre a religiosidade intrínseca e o auto-criticismo é negativa (de baixo valor - fraco) e não significativa.

H2 - espera-se que um resultado elevado no factor da religiosidade intrínseca (I) se correlacione positivamente com um resultado elevado no factor Culpa.

Ao testarmos a Hipótese 2 - esperava-se que um resultado elevado no factor da religiosidade intrínseca (I) se correlacione positivamente com um resultado elevado no factor Culpa – verifica-se que o factor da religiosidade Intrínseca e o*factor Culpa apresentam uma correlação linear negativa (-0,065), isto é, apresentam uma correlação fraca e estatisticamente não significativa, tendo por base o *nível de significância associado ao teste de 0,513 (inferior a 0,05).

Assim, a correlação entre a religiosidade Intrínseca e o factor culpa é negativa (de baixo valor – fraco) e não significativa.

H3 - espera-se encontrar uma correlação positiva, um resultado elevado no factor do auto-criticismo apresentara uma elevada correlação com o factor Culpa.

A correlação entre o auto-criticismo e a culpa é uma correlação linear positiva (0,104), embora fraca e estatisticamente não significativa, devido ao nível de significância associado ao teste de 0,292 – superior a 0,05. Verifica-se então que a correlação entre o auto-criticismo e o factor culpa é positiva (de baixo valor - fraco) mas não significativa.

Após os resultados obtidos decidiu-se explorar outros campos da mesma investigação, tendo sido estudadas outras correlações.

H4 – espera-se que um resultado elevado na religiosidade Extrínseca se correlacione positivamente com um resultado elevado no factor Auto-Criticism

A correlação entre a religiosidade extrínseca e o auto-criticismo é uma correlação linear positiva (0,059), embora fraca e estatisticamente não significativa, devido ao nível de significância associado ao teste de 0,553 – superior a 0,05. Conclui-se que a correlação entre a religiosidade extrínseca e o auto-criticismo é positiva (de baixo valor - fraco) e não significativa em termos estatísticos.

H5- espera-se que um resultado elevado na religiosidade Extrínseca se correlacione positivamente com um resultado elevado no factor Culpa.

A correlação entre a religiosidade extrínseca e a culpa é uma correlação linear negativa (-0,026), e estatisticamente não significativa, devido ao nível de significância associado ao teste de 0,794 – superior a 0,05. Conclui-se que a correlação entre a religiosidade extrínseca e a dependência é negativa (de baixo valor - fraco) e não significativa em termos estatísticos.

H6 - espera-se que um resultado elevado na religiosidade Intrínseca se correlacione positivamente com um resultado elevado no factor Dependência

A correlação entre a religiosidade Intrínseca e a Dependência é uma correlação linear positiva (0,145), e estatisticamente significativa, devido ao nível de significância associado ao teste de 0,139 – superior a 0,05. Conclui-se que a correlação entre a religiosidade intrínseca e a dependência é positiva (forte) e significativa em termos estatísticos.

Capítulo IV – Discussão dos Resultados

Tendo por sustentáculo o referencial teórico apresentado na primeira parte deste trabalho, passaremos agora à análise e discussão dos resultados previamente apresentados.

Após referida caracterização da amostra, são diversos os elementos que surgem como elementos importantes nesta análise.

Verifica-se dos 105 indivíduos, grande maioria, 88,6%, é do sexo feminino. Desde logo é um aspecto a ter em conta, pois revela que não existe, nesta amostra uma distribuição equitativa entre ambos os sexos.

Também neste sentido, verifica-se que a idade média dos inquiridos é de 23,09 anos, sendo que há uma oscilação entre os 19 e os 47 anos.

Verifica-se também que todos indivíduos da amostra utilizada para o presente estudo são estudantes Universitários, nomeadamente do 3º ano do Curso de Ciências Psicológicas da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Tendo em conta que esta investigação tem por objectivo o estudo da religiosidade e suas relações com a personalidade depressiva e a culpa, é de grande importância referir que dos 105 indivíduos da amostra, 65,7% diz ser católico.

No entanto, apesar destes resultados, verifica-se que do total dos inquiridos, apenas 27,6% se considera praticante da sua religião, sendo 59% da amostra refere apenas frequentar o lugar de culto em acontecimentos especiais. Tais resultados podem vir a condicionar as hipóteses testadas..

Assim, após esta primeira análise, é necessário ter em conta estes diversos aspectos aquando das conclusões que podemos retirar destes resultados.

Relativamente à **primeira hipótese** testada, havíamos assumido que a religiosidade intrínseca apresenta uma relação bastante forte, e positiva, com o auto-criticismo.

A análise estatística realizada, que comparou os dados obtidos através da escala de orientação religiosa e do Q.E.D., revelou que existe uma correlação negativa e não significativa entre o factor da Religiosidade Intrínseca e o factor Auto-Criticismo. Desta forma quando se verificam resultados elevados de religiosidade intrínseca é de esperar que existam resultados baixos de auto-criticismo, contrariando assim a hipótese formulada.

Remetendo para a **segunda hipótese** testada, havíamos assumido que a religiosidade intrínseca apresenta uma relação bastante forte, e positiva, com a culpa.

A análise estatística efectuada, que comparou os dados obtidos através da escala de orientação religiosa e do *Test of Self-Conscious Affect*, revelou que existe uma correlação negativa e não significativa entre o factor da Religiosidade Intrínseca (da escala de orientação religiosa) e o factor Culpa (do TOSCA). Desta forma, quando se verificam resultados elevados ao nível da religiosidade intrínseca, expressam-se , consequentemente, resultados baixos ao nível da culpa.

Pode-se então afirmar que os resultados contrariam assim a hipótese formulada.

No que diz respeito à **terceira hipótese** testada, havíamos assumido que a culpa apresenta uma relação bastante forte e positiva, com o auto-criticismo.

Após análise estatística, que comparou os dados obtidos através do *Test of Self-Conscious Affect* e do Questionário de Experiências Depressivas, verificou-se que existe uma correlação positiva mas não significativa entre o factor Culpa (TOSCA) e o factor Auto-Criticismo (Q.E.D.). Desta forma, embora a correlação não seja significativa, verifica-se que resultados elevados ao nível da culpa podem eventualmente implicar resultados elevados ao nível do auto-criticismo.

Podemos assim dizer que esta hipótese foi em parte corroborada.

Adamson, no seu estudo em 2006, procurou correlacionar a culpabilidade com a depressão enquanto entidade nosológica, no entanto não encontrou qualquer correlação. No presente estudo o que se verifica, é que apesar de não significativa, o resultado permite inferir que existe uma relação entre a culpabilidade e uma possível estrutura de personalidade depressiva com carácter de culpabilidade.

Relativamente à **quarta hipótese** testada, havia-se assumido que a religiosidade extrínseca apresenta uma relação , forte e positiva, com o Auto-criticismo. Após análise estatística, que comparou os dados obtidos entre a Escala de Orientação Religiosa e o Questionário de Experiências Depressivas, verificou-se que existe uma correlação negativa e não significativa entre o factor da religiosidade extrínseca e o factor do Auto-Criticismo. A hipótese foi assim refutada.

No que diz respeito à **quinta hipótese** testada, assumiu-se que a religiosidade extrínseca estaria positivamente correlacionada com a culpa. Após análise estatística, comparando dados obtidos na escala de orientação religiosa com dados obtidos no TOSCA, verificou-se que apresentam uma correlação negativa e não significativa entre o factor da religiosidade extrínseca e o factor da Culpa. A hipótese foi assim refutada.

Adamson (2006), havia realizado um estudo do mesmo género em que correlacionava de igual modo a religiosidade extrínseca com a culpa. No entanto, no seu

estudo, o autor verificou a existência de uma correlação positiva entre a religiosidade extrínseca e a culpabilidade.

Esta diferença de resultados entre o presente estudo e a investigação de Adamson (2006), podem dever-se ao facto de poderem estar em jogo não só variáveis como a dimensão da amostra, como também variáveis inerentes à própria amostra utilizada no estudo, tais como variáveis culturais, entre outras.

Relativamente à última hipótese testada, **hipótese seis**, assumiu-se que a religiosidade intrínseca apresentaria uma correlação positiva com a dependência. Após análise estatística, que comparou os dados da escala de orientação religiosa com os dados do Q.E.D., verificou-se que existe uma correlação positiva e significativa entre o factor da religiosidade intrínseca e o facto da dependência. Esta última hipótese foi assim corroborada.

Embora Adamson (2006), não tenha encontrado relação entre a religiosidade intrínseca e a depressão, o presente estudo demonstra que existe uma correlação positiva, não com a depressão enquanto entidade, mas sim enquanto estrutura de carácter com uma vertente ligada ao anaclitismo, isto é, ligada ao desamparo.

Assim, é necessário enfatizar que este estudo vai ao encontro de outros estudos realizados no âmbito da religiosidade, tais como o estudo de Sheldon (2006) e Koenig (2009), que referem a religião enquanto aspecto positivo no bem estar psicológico do indivíduo, não se verificando relação entre a religiosidade intrínseca e a depressão de culpabilidade.

Capítulo V - Conclusão

5.1 Síntese Conclusiva

Após discussão dos resultados obtidos, verifica-se assim que as correlações esperadas inicialmente não se verificaram.

Assim, é necessário enfatizar que este estudo vai ao encontro de outros estudos realizados no âmbito da religiosidade, tais como o estudo de Sheldon (2006) e Koenig (2009), que referem a religião enquanto aspecto positivo no bem estar psicológico do indivíduo, não se verificando relação entre a religiosidade intrínseca e a depressão de culpabilidade.

Verifica-se desta forma que a religião se apresenta não enquanto elemento positivo na saúde mental do sujeito, constituindo-se assim enquanto objecto que permite

ao indivíduo o desenvolvimento de estratégias que lhe permitem ultrapassar obstáculos e lidar com as diversas adversidades da vida.

Embora os resultados inicialmente obtidos através do teste das três hipóteses inicialmente desenvolvidas nos leve a inferir que não existem relações entre a religiosidade e a culpabilidade, tal possibilitou a abertura de novas vertentes de estudo.

Nomeadamente, permitiu-nos inferir que poderia existir um outro tipo de variáveis em jogo no desenvolvimento da fé e da crença religiosa.

Remetendo para o que foi largamente discutido na revisão de literatura, é de esperar que exista uma relação desigual, em termos de inferioridade e superioridade entre o indivíduo que crê em Deus e esta própria figura onipotente.

Tal como nos diz Rancour-Laferriere (2003), o indivíduo deve-se identificar a uma forma de sofrimento por forma a sentir-se merecedor do amor divino. Isto é, deve assumir a sua inferioridade, a sua imperfeição e submeter-se aos desígnios de Deus por forma a ser amado.

Através do que o autor nos refere (Rancour-Laferriere, 2003), podemos assim assumir que a relação com Deus consiste numa duplicação da luta interior existente na depressão, bem como uma duplicação ao nível da imago idealizada, sendo Deus o depositário dessa imago

Segundo Coimbra de Matos (2001), é o sentimento de perda do objecto primário, que leva ao desenvolvimento do núcleo depressivo.

Ora se o indivíduo sente esta perda como irreversível, ele irá procurar a todo o custo desenvolver relações que lhe permitam preencher este vazio objectal, mantendo no entanto o mesmo registo de submissão, sentindo-se sempre inferior ao outro, ao objecto (Coimbra de Matos, 2002).

Tal como verificámos, os resultados obtidos, permitem-nos inferir a existência de uma relação entre a religiosidade intrínseca e a dependência. Isto é, podemos inferir a existência de uma relação entre uma vivência sentida como motivadora, internalizada e total da religião (Alport & Ross, 1967), e as experiências depressivas que remetem para uma ruptura precoce da relação privilegiada com o objecto primário, resultando assim no desenvolvimento de um superego rígido e punitivo que leva a sentimentos de inferioridade e desejo de reparação (Blatt, 1974).

Segundo o Dogma Cristão (Kettunen, 2002), a salvação, o perdão dos pecados do indivíduo só é possível, se este assumir a sua inferioridade, imperfeição, se idealizar

uma figura mística, Deus, assumindo que apenas este o pode livrar do pecado e apenas este o pode amar mesmo na sua condição de humano imperfeito.

Assim, indivíduos que apresentam uma estrutura de personalidade depressiva ligada a um sentimento de dependência, poderão procurar uma relação com Deus pois esta relação vai replicar a relação primária. Perante uma necessidade de ser amado e cuidado, o indivíduo procura gratificação para colmatar o sentimento de rejeição. A relação com Deus permite assim que o indivíduo se sinta amado ainda que seja imperfeito.

A correlação encontrada, permite assim inferir que sujeitos com uma religiosidade intrínseca, interiorizaram precocemente uma representação de objecto sentido enquanto abandonico (Coimbra de Matos, 2002), sendo este mesmo objecto idealizado, tal como a figura de Deus o é.

Tal como nos diz Blatt (1974), as experiências depressivas de tipo anaclítico remetem também para um objecto clivado (bipartição do objecto em bom e mau). Também aqui podemos entender que na vivência intrínseca da religiosidade, Deus, não só é sentido como alguém que ama o indivíduo, como também pode ser sentido como alguém extremamente punitivo e inferiorizante.

Neste sentido, os resultados encontrados permitem assim verificar que existem relações entre a vivência da religião e elementos depressivos, o que nos remete, para alguns pontos de reflexão: não será a religião mero fruto de uma necessidade do indivíduo de se sentir amado e preenchido?

5.2 Importância para a Investigação

Acreditamos que os resultados obtidos assumem alguma relevância na investigação empírica uma vez que são escassos os estudos, generalizáveis à população portuguesa, que se propõem a aprofundar o modo como a culpa e as experiências depressivas influenciam a forma como vivemos a nossa religião.

Este mesmo estudo alerta-nos para o facto de que na base da fé Cristã poderá estar, não uma depressão sólida, mas sim traços depressivos que remetem para o anaclitismo.

Neste sentido, torna-se premente a necessidade de continuar a desenvolver estudos que permitam o estudo psicológico dos mecanismos por detrás do desenvolvimento da religião e dos seus dogmas.

5.3 Limitações da Investigação e Linhas de Desenvolvimento Futuro

A parte empírica da presente investigação foi realizada utilizando uma mostra de estudantes apenas da faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa , como também a recolha dessa mesma amostra se baseou apenas em alunos do 3º ano da Licenciatura em Ciências Psicológicas, não podendo ser considerada representativa da generalidade da população Portuguesa.

Apesar da dimensão aceitável da amostra, cumprindo os requisitos necessários à realização de uma investigação válida, considera-se que teria sido uma mais valia conseguir uma amostra , não só de maiores dimensões , mas também com uma maior diversidade geográfica e cultural de indivíduos.

Neste sentido, possivelmente poderíamos obter resultados que fossem no sentido das hipóteses colocadas, caso a amostra fosse recolhida em comunidades ou grupos religiosos, nomeadamente, *Opus Dei*.

A escala de orientação religiosa, bem como o *Test of Self-Conscious Affects*, utilizados na presente investigação, correspondendo a uma medida de auto-avaliação, e possuindo grande validade facial, está sujeita ao enviesamento dos resultados devido ao efeito de desejabilidade social conducente à preferência por respostas consideradas socialmente desejáveis.

No que diz respeito à hipótese que correlacionava a culpa com a religiosidade intrínseca, tal pode não ter sido verificado, pois a culpa que esta investigação procurava estudar diz respeito a uma culpa inconsciente, ilógica segundo Coimbra de Matos (2001). Assim, o teste utilizado , TOSCA, poderá não ser o instrumento adequado uma vez que diz respeito a elementos consciente da culpa.

Neste sentido, seria interessante procurar desenvolver um instrumento que permitisse aceder à referida dimensão inconsciente da culpa.

As condições de aplicação dos instrumentos, nomeadamente o facto de se levar para casa o caderno de respostas, poderá eventualmente ter levado a que os indivíduos respondessem , não de forma verídica, mas sim de forma aleatória.

Adicionalmente, o demorado tempo de aplicação, de cerca de 15 minutos, poderá eventualmente induzir o cansaço e desmotivação.

Outro aspecto de que pode surgir enquanto limitação, poderá ser o facto de os instrumentos utilizados não serem os mais adequados para avaliar e medir as diversas variáveis em estudo.

Não obstante as limitações ao estudo que foram referidas, cremos que os resultados por nós obtidos não deixam de contribuir para fomentar outras e mais aprofundadas investigações sobre esta temática. Como linha de investigação futura, sugere-se a replicação do estudo, com as devidas correcções metodológicas, e com uma amostra mais alargada, que permitisse tornar os resultados generalizáveis à globalidade dos sujeitos em Portugal.

Referências Bibliográficas

- Adamson, Phillip (2006) A Study on the Effect of Religion on Depression and Guilt.
Rocky Mountain Psychological Association 2006 Convention Presentation
- Allport, Gordon W. , Ross, J. Michael. (1967). Personal Religious Orientation and Prejudice. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 5 No. 4, 432-443
- Allport, Gordon W. (1996). The religious context of prejudice. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 5, 447-457.
- Blatt, S.J. (1974). Levels of object representation in anaclitic and introjective depression. *Psychoanalytic Study of the Child*, 29
- Blatt, S., D’Afflitti, J. , & Quinlan, D. (1976). Experiences of Depression in normal young Adults. *Journal of Abnormal Psychology*. 85(4), 383-389
- Blatt, S., D’Afflitti, J. , & Quinlan, D. (1979). Depressive Experiences Questionnaire. Unpublished Manual. Yale University. New Haven, Ct
- Bleichmar, Hugo . (1983). *Depressão – Um estudo Psicanalítico*. Artes Médicas. Porto Alegre.
- Boss, M. (1981). *Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial*. Tradução: Barbara Spadounis. São Paulo: Duas Cidades
- Campos, Rui Alexandre Godinho da Costa (2000) Tese de Mestrado: “*Análise Exploratória das Manifestações da Dependência e do Auto-Criticismo, Enquanto Estilos de Personalidade, no Método Rorschach*”. Universidade de Lisboa
- Campos, Alexandre Godinho da Costa (2009). Questionário de Experiências Depressivas (versão Portuguesa).
- Carveth, Donald L. (2001). The Unconscious Need for Punishment: expression or evasion of the sense of guilt? *Psychoanalytic Studies*. Vol. 3. No. 1

- Coimbra de Matos, António. (1999). O Problema da Melancolia na obra de Fairbairn. Conferência proferida na “International Conference Fairbairn and Relational Theory Today”. Lisboa, Outubro 28-31
- Coimbra de Matos, António .(2001) *A Depressão*. Climepsi Editores. Lisboa
- Coimbra de Matos, António (2002). *O Desespero*. Climepsi Editores. Lisboa
- Delkeskamp-Hayes, Corinna. (2007). Resisting the Therapeutic Reduction: On the Significance of Sin. *Christian Bioethics* , 13:105-107
- Exline, Julie Juola, Yali, Ann Marie, Sanderson, William C. (2000). Guilt, Discord, and Alienation : The Role of Religious Strain in Depression and Suicidality. *Journal of Clinical Psychology*. Vol. 56(12), 1481-1496
- Faiver Christopher M., Eugene M. O’Brien & R.Elliott Ingersoll .(2000) Religion, Guilt, and Mental Health. *Journal of Counseling & Development*. Vol. 78
- Fontaine, Johny R. J., Luyten, Patrick, De Boeck, Paul, Corveleyn, Jozef (2001). The Test of Self-Conscious Affect: Internal Structure, Differential Scales and Relationships with Long-Term Affects. *European Journal of Personality*. 15:449-463
- Freud, Sigmund. (1957). The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XIV (1914-1916): On the History of the Psycho-Analytic Movement, Papers on Metapsychology and Other Works, ii-viii. The Hogarth Press and the Institute of Psycho-analysis, London.
- Freud, Sigmund (1961). *The future of an illusion, civilization and its discontents and other works : 1927-1931* / Sigmund Freud ; Translated from the german under the general editorship of James Strachey ; in collaboration with Anna Freud...[et al.]. - London : The Hogarth Press, 1961. - VI,287p.(V.21) ;

- Garcia, Deomara Cristina Damasceno (2006). *Trangressões Humanas: Pecado e Sentimento de Culpa*. Disponível em internet : www.psicologia.com.pt (em 15 de Janeiro de 2006)
- Geadá, Manuel (2000). *The Test of Self-Conscious Emotions* – tradução portuguesa
- Golse, Bernard. (2005). *O desenvolvimento afectivo e intelectual da criança*. Climepsi Editores. Lisboa
- Gordon, Rosemary .(1987). Masochism: The Shadow side of the Archetypal need to venerate and worship. *Journal of Analytical Psychology*. 32, 227-240
- Goursuch, Richard L. , McPherson, Susan E. (1989). Age – Universal I/E- Revised Scale
- Grinberg, Léon (2000). *Culpa e Depressão*. Climepsi Editores. Lisboa
- Hill, P. C. , & Pargament, K. L.(2003)Advances in the conceptualizationand measurement of religion and spirituality: Implications for physical and mental research. *American Psychologist*. 58(1), 64-74
- Kettunen, Paavo .(2002) The Function of Confession: A study Based on Experiences. *Pastoral Psychology*. Vol. 51. Nº 1
- Koenig, Harold. (2009). Research on Religion, Spirituality, and Mental Health: A Review. *The Canadian Journal of Psychiatry*. Vol 54, No. 5
- Lewis, Michael; In: *Handbook of emotions* (3rd ed.). Lewis, Michael (Ed.); Haviland-Jones, Jeannette M. (Ed.); Barrett, Lisa Feldman (Ed.); New York, NY, US: Guilford Press, 2008. pp. 742-756.
- Linares, R. (2009). Escala de Orientação Religiosa (versão para estudo)
- Luyten, P. , Corveleyn, J. , Fontaine, J. R. J. (1998). The Relationship Between Religiosity and Mental Health: Distinguishing Between Shame and Guilt. *Mental Health, Religion & Culture*. Vol. 1. No 2

- Maltby, John (1999). The Internal Structure Of a Derived, Revised, and Amended Measure of The Religious Orientation Scale: The “Age Universal” I/E Scale – 12. *Social Behavior and Personality*. 27 (4), 407-412
- McMinn, Mark R. (2005). Psychology and The Doctrine of Sin: Christian Leaders’ Perspective. Convention Presentation. American Psychological Association
- McWilliams, Nancy (2005), *Diagnóstico Psicanalítico*. Climepsi Editores. Lisboa
- Pedinielli, Jean-Louis , Bertagne, Pascale. *As Neuroses*. Psicológica de bolso 15. Climepsi Editores. Lisboa
- Rancour-Laferrriere, Daniel .(2003) The Moral Masochism at the Heart of Christianity: Evidence from Russian Orthodox Iconography and Icon Veneration. *Journal for the Psychoanalysis of Culture & Society*: Vol. 8. Nº 1
- Silverstein, Marshall L. (2007) Depressive Personality Disorder. In: *Disorders of the self: A personality-guided approach*. Silverstein, Marshall L.; Washington, DC, US: American Psychological Association, 2007. pp. 205-231.
- Shainess, Natalie (1997). Masochism Revisited: Reflections on Masochism and Its Childhood Antecedents. *American Journal of Psychotherapy*. Vol. 51, No. 4
- Sheldon, Kennon M. (2006). Catholic Guilt? Comparing Catholics and Protestants’ Religious Motivations. *The International Journal for The Psychology of Religion*. 16 (3), 209-223
- Tangney, June Price (1994) In: Empirical perspectives on object relations theory. Masling, Joseph M. (Ed.); Bornstein, Robert F. (Ed.); Washington, DC, US: American Psychological Association, 1994. pp. 1-28.
- Tangney, J. P., Burggraf, S. A., Hamme, H., & Domingos, B. (1988). *The Self-Conscious Affect and Attribution Inventory (SCAAI)*. Bryn Mawr College, Bryn Mawr, PA.

Tangney, JP, Wagner, PE, Gramzow, R. (1989). *The Test Of Self-Conscious Affects*.

George Mason University: Fairfax, VA.

Tangney, JP, Dearing, Ronda L. (2002). *Shame and Guilt*. The Guilford Press: New

York

Widlöcher, Daniel . (1995). *As lógicas da Depressão*. Climepsi Editores : Lisboa

ANEXOS

ANEXO A
Output nº1
Idade dos Inquiridos

Output nº1- Idade dos inquiridos

Statistics

Idade em anos

N	Valid	105
	Missing	0
Mean		23,09
Mode		21
Std. Deviation		5,796
Minimum		19
Maximum		47

Idade em anos

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	19	2	1,9	1,9	1,9
	20	26	24,8	24,8	26,7
	21	35	33,3	33,3	60,0
	22	18	17,1	17,1	77,1
	23	7	6,7	6,7	83,8
	24	2	1,9	1,9	85,7
	25	1	1,0	1,0	86,7
	26	2	1,9	1,9	88,6
	28	1	1,0	1,0	89,5
	30	3	2,9	2,9	92,4
	34	1	1,0	1,0	93,3
	36	1	1,0	1,0	94,3
	37	1	1,0	1,0	95,2
	43	2	1,9	1,9	97,1
	45	1	1,0	1,0	98,1
	46	1	1,0	1,0	99,0
	47	1	1,0	1,0	100,0
	Total	105	100,0	100,0	

ANEXO B

Output nº2

Sexo dos Inquiridos

Output nº2- Sexo dos inquiridos

Sexo

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Masculino	12	11,4	11,4	11,4
	Feminino	93	88,6	88,6	100,0
	Total	105	100,0	100,0	

ANEXO C
Output nº3
Estado Civil

Output nº3- Estado Civil

Estado Civil

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Solteiro	95	90,5	90,5	90,5
	União de Facto	1	1,0	1,0	91,4
	Casado	7	6,7	6,7	98,1
	Separado/Divorciado	1	1,0	1,0	99,0
	Viuvo	1	1,0	1,0	100,0
	Total	105	100,0	100,0	

ANEXO D
Output nº4
Nacionalidade

Output nº4- Nacionalidade

Nacionalidade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Portuguesa	97	92,4	92,4	92,4
	Outra	8	7,6	7,6	100,0
	Total	105	100,0	100,0	

ANEXO E
Output nº 5
Instituição de Ensino

Output nº5- Instituição de Ensino

Instituição Ensino

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Faculdade psicologia	105	100,0	100,0	100,0

ANEXO F
Output nº 6
Curso que Frequenta

Output nº6- Curso que frequenta

Curso

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Psicologia	105	100,0	100,0	100,0

ANEXO G
Output nº 7
Ano que Frequenta

Output nº7- Ano que frequenta

Ano

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	3 ano	100	95,2	95,2	95,2
	outros anos	4	3,8	3,8	99,0
	4	1	1,0	1,0	100,0
	Total	105	100,0	100,0	

ANEXO H
Output nº 8
Religião

Output nº8- Religião

Religião

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Católica	69	65,7	65,7	65,7
	Muçulmana	3	2,9	2,9	68,6
	Nenhuma	29	27,6	27,6	96,2
	Agnóstica	3	2,9	2,9	99,0
	Evangélica	1	1,0	1,0	100,0
	Total	105	100,0	100,0	

ANEXO I
Output nº 9
Praticante da Religião

Output nº9- Praticante da religião

Praticante

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	29	27,6	27,6	27,6
	Não	76	72,4	72,4	100,0
	Total	105	100,0	100,0	

ANEXO J

Output nº 10
Frequência da igreja ou outro local de culto

Output nº10- Frequência à igreja ou outro local de culto

Frequência

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Mais que uma vez por semana	4	3,8	3,8	3,8
	Uma vez por semana	12	11,4	11,4	15,2
	Mais que uma vez por mês	1	1,0	1,0	16,2
	Uma vez por mês	3	2,9	2,9	19,0
	Mais que uma vez por ano	17	16,2	16,2	35,2
	Uma vez por ano	6	5,7	5,7	41,0
	Só em ocasiões especiais	62	59,0	59,0	100,0
	Total	105	100,0	100,0	

ANEXO K
Questionário de Dados Sócio-Demográficos

QUESTIONÁRIO DE DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

Idade: _____ anos

Sexo:

Masculino ☐ Feminino ☐

Nacionalidade: _____

Estado Civil:

Solteiro(a) ☐

União de Facto ☐

Casado(a) ☐

Separado (a)/Divorciado(a) ☐

Viúvo(a) ☐

Instituição de Ensino que frequenta: _____

Curso: _____

Ano: _____

A que religião considera pertencer: _____

Considera-se Praticante:

Sim ☐ Não ☐

Com que frequência vai à igreja ou outro local de culto?

Mais que uma vez por semana ☐

Uma vez por semana ☐

Mais que uma vez por mês ☐

Uma vez por mês ☐

Mais que uma vez por ano ☐

Uma vez por ano ☐

Só em ocasiões especiais
(casamentos, batizados, etc.) ☐

ANEXO L
Questionário de Experiências Depressivas (Q.E.D.)

QED ©

Sidney Blatt, Joseph D'Afflitti e Donald Quinlan (1976, 1979)
Versão portuguesa de Rui C. Campos (2000)

INSTRUÇÕES: Em baixo encontra um conjunto de afirmações respeitantes a características e traços pessoais. Leia cada afirmação e decida se concorda ou discorda e em que grau. Se concorda totalmente, faça um círculo à volta do algarismo 7. Se discorda totalmente, faça um círculo à volta do algarismo 1. Se se posiciona algures num ponto intermédio, faça um círculo à volta de um dos algarismos entre 1 e 7. Se está numa posição totalmente neutra ou indeciso faça um círculo à volta do algarismo 4.

NOME _____

SEXO _____ IDADE _____ ESCOLARIDADE _____

DATA ____ / ____ / ____ PROFISSÃO _____

		Discordo totalmente				Concordo totalmente			
1-	Coloco os meus padrões e objectivos pessoais tão alto quanto possível	1	2	3	4	5	6	7	
2-	Sem o apoio dos que me são próximos, sentir-me-ia desamparado(a)	1	2	3	4	5	6	7	
3-	Tenho mais tendência a estar satisfeito(a) com os meus objectivos e planos actuais, do que em lutar por objectivos mais altos	1	2	3	4	5	6	7	
4-	Algumas vezes sinto-me muito grande, e outras sinto-me muito pequeno(a)	1	2	3	4	5	6	7	
5-	Quando estou intimamente envolvido(a) com alguém, nunca sinto ciúmes	1	2	3	4	5	6	7	
6-	Necessito urgentemente de coisas que só os outros me podem proporcionar	1	2	3	4	5	6	7	
7-	Frequentemente, acho que não vivo de acordo com os meus próprios modelos ou ideais	1	2	3	4	5	6	7	
8-	Sinto que estou sempre a usar plenamente as minhas potenciais capacidades	1	2	3	4	5	6	7	

© Copyright: Sidney Blatt, Joseph D'Afflitti e Donald Quinlan, 1979

© Copyright da versão portuguesa: Rui C. Campos, 2009

		Discordo totalmente				Concordo totalmente			
9-	A falta de continuidade nas relações humanas não me incomoda	1	2	3	4	5	6	7	
10-	Se não consigo viver à altura das expectativas, sinto-me sem valor	1	2	3	4	5	6	7	
11-	Muitas vezes sinto-me desamparado(a)	1	2	3	4	5	6	7	
12-	Raramente me preocupo por ser criticado(a) em relação a coisas que disse ou fiz	1	2	3	4	5	6	7	
13-	Há uma diferença considerável entre como sou agora e como gostaria de ser	1	2	3	4	5	6	7	
14-	Gosto de competição cerrada com os outros	1	2	3	4	5	6	7	
15-	Sinto que tenho de assumir muitas responsabilidades	1	2	3	4	5	6	7	
16-	Há alturas que me sinto “vazio(a)” por dentro	1	2	3	4	5	6	7	
17-	Tenho tendência para não estar satisfeito com aquilo que tenho	1	2	3	4	5	6	7	
18-	Não me importo se vivo ou não de acordo com o que os outros esperam de mim	1	2	3	4	5	6	7	
19-	Fico assustado(a) quando me sinto sozinho(a)	1	2	3	4	5	6	7	
20-	Sentir-me-ia como se estivesse a perder uma parte importante de mim próprio(a), se perdesse um amigo muito íntimo	1	2	3	4	5	6	7	
21-	As pessoas aceitar-me-ão não importa quantos erros tenha cometido	1	2	3	4	5	6	7	
22-	Tenho dificuldade em romper uma relação que me esteja a fazer infeliz	1	2	3	4	5	6	7	
23-	Frequentemente penso sobre o perigo de perder alguém íntimo	1	2	3	4	5	6	7	
24-	As outras pessoas têm grandes expectativas a meu respeito	1	2	3	4	5	6	7	
25-	Quando estou com os outros, tendo a desvalorizar-me	1	2	3	4	5	6	7	
26-	Não estou muito preocupado com a forma como as outras pessoas reagem comigo	1	2	3	4	5	6	7	

		Discordo totalmente				Concordo totalmente			
27-	Há sempre um elevado grau de incerteza e de conflito numa relação entre duas pessoas, independentemente de quão próxima essa relação é	1	2	3	4	5	6	7	
28-	Sou muito sensível aos sinais de rejeição dos outros	1	2	3	4	5	6	7	
29-	É importante para a minha família que eu tenha sucesso	1	2	3	4	5	6	7	
30-	Sinto frequentemente que desapontei os outros	1	2	3	4	5	6	7	
31-	Se alguém me irrita, dou-lhe a entender como me sinto	1	2	3	4	5	6	7	
32-	Tento constantemente agradar ou ajudar as pessoas de quem sou próximo(a), e muitas vezes até “saio do meu caminho” para o conseguir	1	2	3	4	5	6	7	
33-	Tenho muitos recursos interiores (capacidades, forças)	1	2	3	4	5	6	7	
34-	Acho muito difícil dizer “não” aos pedidos dos amigos	1	2	3	4	5	6	7	
35-	Nunca me sinto realmente seguro numa relação íntima	1	2	3	4	5	6	7	
36-	O modo como me sinto em relação a mim próprio varia frequentemente: há alturas em que me sinto extremamente bem comigo próprio(a), e outras em que só vejo o que é mau em mim e sinto-me um(a) falhado(a)	1	2	3	4	5	6	7	
37-	Sinto-me, com frequência, ameaçado(a) pela mudança	1	2	3	4	5	6	7	
38-	Mesmo que a pessoa que me é mais próxima se fosse embora, conseguiria, ainda assim, “seguir em frente sozinho(a)”	1	2	3	4	5	6	7	
39-	Tem que se trabalhar continuamente para ganhar o amor de outra pessoa, isto é, o amor tem que ser merecido	1	2	3	4	5	6	7	
40-	Sou muito sensível aos efeitos que as minhas palavras ou acções têm nos sentimentos dos outros	1	2	3	4	5	6	7	
41-	Censuro-me frequentemente por coisas que fiz ou disse a outra pessoa	1	2	3	4	5	6	7	
42-	Sou uma pessoa muito independente	1	2	3	4	5	6	7	
43-	Sinto-me culpado(a) com frequência	1	2	3	4	5	6	7	
44-	Penso em mim como sendo uma pessoa muita complexa, alguém que tem “muitas facetas”	1	2	3	4	5	6	7	

		Discordo totalmente				Concordo totalmente			
45-	Preocupa-me bastante poder ofender ou magoar alguém que me é próximo	1	2	3	4	5	6	7	
46-	A raiva assusta-me	1	2	3	4	5	6	7	
47-	O que conta não é: “quem se é”, mas sim “o que se conseguiu realizar”	1	2	3	4	5	6	7	
48-	Sinto-me bem comigo próprio(a) quer tenha sucesso, quer falhe	1	2	3	4	5	6	7	
49-	Consigo facilmente pôr os meus sentimentos e problemas de lado, e dedicar toda a minha atenção aos sentimentos e problemas de outra pessoa	1	2	3	4	5	6	7	
50-	Se alguém de quem eu gosto se irritasse comigo, sentir-me-ia ameaçado(a) de que essa pessoa pudesse deixar-me	1	2	3	4	5	6	7	
51-	Sinto-me incomodado(a) quando me são dadas responsabilidades importantes	1	2	3	4	5	6	7	
52-	Após uma briga com um amigo, tenho, logo que possível, de tentar remediar a situação	1	2	3	4	5	6	7	
53-	Tenho dificuldade em aceitar fraquezas em mim próprio(a)	1	2	3	4	5	6	7	
54-	É mais importante para mim gostar do meu trabalho do que saber que é aprovado pelos outros	1	2	3	4	5	6	7	
55-	Após uma discussão, sinto-me muito só	1	2	3	4	5	6	7	
56-	No meu relacionamento com os outros estou muito preocupado(a) com o que eles me podem dar	1	2	3	4	5	6	7	
57-	Raramente penso na minha família	1	2	3	4	5	6	7	
58-	Os meus sentimentos relativamente a alguém que me é próximo variam com muita frequência: há algumas alturas em que me sinto completamente irritado(a) e outras em que me sinto “todo(a) amores” para com essa pessoa	1	2	3	4	5	6	7	
59-	O que digo e faço tem um forte impacto nos que me rodeiam	1	2	3	4	5	6	7	
60-	Às vezes sinto que sou “especial”	1	2	3	4	5	6	7	

		Discordo totalmente				Concordo totalmente		
61-	Cresci numa família extremamente unida	1	2	3	4	5	6	7
62-	Estou muito satisfeito comigo próprio(a) e com as minhas realizações pessoais	1	2	3	4	5	6	7
63-	Quero muitas coisas de alguém de quem sou íntimo(a)	1	2	3	4	5	6	7
64-	Tenho tendência a ser muito crítico(a) de mim próprio(a)	1	2	3	4	5	6	7
65-	Estar sozinho(a) não me incomoda nada	1	2	3	4	5	6	7
66-	Muito frequentemente comparo-me com padrões ou metas a atingir	1	2	3	4	5	6	7

ANEXO M

Escala de Orientação Religiosa Revisada (Age-Universal I/E -Revised Scale)

Escala de Orientação Religiosa-R
(Goursuch & McPherson, 1989)

Faça uma cruz no número que melhor indique a sua vivência a respeito de cada um dos 14 itens abaixo.

	Discordo totalmente	Discordo em parte	Não tenho a certeza	Concordo em parte	Concordo totalmente
1. Gosto de ler sobre a minha religião.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Vou à Igreja porque me ajuda a fazer amigos.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Não tem grande importância aquilo em que acredito, desde que eu seja bom.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. É importante para mim dedicar tempo à meditação e à oração pessoal.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Tenho muitas vezes uma percepção forte da presença de Deus.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Rezo sobretudo para obter alívio e protecção.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Faço um esforço grande para viver a minha vida de acordo com as minhas crenças religiosas.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. O que a religião mais me proporciona é conforto em alturas de problemas e de sofrimento.	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. A oração é para a paz e a felicidade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Apesar de ser religioso não deixo que isso influencie a minha vida quotidiana.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Vou à Igreja sobretudo para estar com os meus amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. A minha abordagem à vida baseia-se na minha religião.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Vou à Igreja sobretudo porque me agrada encontrar lá pessoas que conheço.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Apesar de acreditar na minha religião, há muitas outras coisas mais importantes na vida.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Linaires, R. Versão para estudo. Circulação restrita.

ANEXO N

Test of Self Conscious Affects (TOSCA)

TOSCA

Apresentam-se abaixo algumas situações que as pessoas poderão encontrar no seu dia a dia a que se seguem as reacções mais comuns a essas situações.

Ao ler cada um dos cenários tente imaginar-se na referida situação. Indique a seguir qual seria, para si, a probabilidade de cada uma das reacções.

Pedimos-lhe que responda a todas as reacções apresentadas a cada cenário porque as pessoas podem sentir ou reagir por mais de uma forma à mesma situação, ou reagir de diferentes maneiras em diferentes ocasiões.

Exemplo:

A - **Acorda cedo numa manhã de sábado. O tempo está frio e chove.**

- | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|---|-----------------------|---|---|---|------------------------|
| a) Telefonava a um amigo para conversar um pouco | nada
provável | | | | muito
provável |
| b) Aproveitava aquele tempo extra para ver as notícias | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Ficava desapontado por estar a chover | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Ficava a cismar porque razão tinha acordado tão cedo num sábado depois de uma semana de tanto trabalho | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

No exemplo acima assinala-se cada uma das respostas pondo um círculo à volta do algarismo que achasse mais adequado.

Colocava-se por exemplo um círculo à volta de "1" para a resposta a) porque não se queria acordar um amigo tão cedo numa manhã de sábado – portanto era pouco provável que se fizesse isso. Assinalava-se o "5" na resposta b) porque quando há tempo costuma-se ver as notícias pela manhã. Assinalava-se o "3" na resposta c) porque a probabilidade de sentir, ou não, isso era aproximadamente igual: algumas vezes aborrece-se por estar o chover, outras vezes não; tudo depende do que se tenciona fazer. Colocava-se um círculo à volta do algarismo "4" na resposta d) porque provavelmente ficaria intrigado pelo facto de ter acordado tão cedo num sábado, depois de uma semana de tanto trabalho.

POR FAVOR NÃO SALTE NENHUMA PERGUNTA :Em todas as respostas assinale apenas um dos algarismos (entre 1 e 5)

1. Você combinou encontrar-se com um amigo para almoçarem. Às 5 da tarde deu-se conta que se esqueceu e o deixou pendurado.

- | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--|---------------|---|---|---|----------------|
| a) Pensava para consigo: "Sou um/uma descuidado/a" | nada provável | | | | muito provável |
| b) Pensava para consigo. "Ele compreende estas situações" | nada provável | | | | muito provável |
| c) Tentava contactar o seu amigo o mais depressa possível. | nada provável | | | | muito provável |
| d) Pensava: "o meu chefe distraiu-me exactamente na hora marcada para o almoço". | nada provável | | | | muito provável |

2. Você danificou qualquer objecto no seu emprego.

- | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|--|---------------|---|---|---|----------------|
| a) Pensava: "Isto põe-me nervoso/a. Preciso de concertá-lo ou arranjar forma de o substituir". | nada provável | | | | muito provável |
| b) Pensava em afastar-se depressa do local onde danificou o objecto. | nada provável | | | | muito provável |
| c) Pensava: "Actualmente a maior parte das coisas são mal fabricadas" | nada provável | | | | muito provável |
| d) Pensava para consigo: "Foi apenas um acidente" | nada provável | | | | muito provável |

3. – Saiu à noite com os seus amigos, e sentiu que estava especialmente brilhante e atraente. O melhor amigo/a do seu marido/mulher mostrou-se particularmente atencioso/a para consigo.

- | | | | | | |
|--|-------------------------------|---|---|---|--------------------------------|
| a) Pensava:” Deveria estar mais atento/a à reacção que estava a provocar neste meu amigo”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Sentia-se feliz por ser tão atraente e ter uma personalidade às vezes tão brilhante. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Ficava agradado/a por ter causado tão boa impressão. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Pensava que o seu/sua melhor amigo/a deveria dar mais atenção à própria mulher/marido. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| e) Evitava provavelmente olhar nos olhos o seu amigo/a. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

4. – No seu emprego deixou para o último minuto a elaboração de um trabalho, e ele ficou muito mal feito.

- | | | | | | |
|---|-------------------------------|---|---|---|--------------------------------|
| a) Sentia: “Sou um/a incompetente.” | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Pensava para consigo: “Os dias nunca têm horas suficientes.” | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Sentia: “ Mereci a reprimenda que levei”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Pensava: ”Paciência: o que está feito está feito”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

5. – Cometeu um erro no local do trabalho e verificou depois que a falha foi atribuída a um colega seu.

- | | | | | | |
|--|-----------------------|---|---|---|------------------------|
| a) Pensava que a empresa não gostava do seu colega. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Pensava: “A vida não é justa”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Não tomava qualquer atitude e evitava o seu colega. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Sentia-se mal com o sucedido e fazia o possível para corrigir a situação. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

6. – Há vários dias que está a adiar um telefonema difícil. À última hora faz o telefonema e consegue resolver a situação com sucesso.

- | | | | | | |
|---|-----------------------|---|---|---|------------------------|
| a) Pensava: “Parece que sou mais persuasivo/a do que pensava” | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Lamentava ter adiado tanto tempo o telefonema. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Sentia-se covarde. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Pensava: “Fiz um bom trabalho”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| e) Pensava que não deveria ter de fazer telefonemas tão difíceis. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

7. – Você comprometeu-se a fazer dieta, mas ao passar na pastelaria comprou um pacote dos bolos que mais gosta.

- | | | | | | |
|--|-------------------------------|---|---|---|--------------------------------|
| a) Na refeição seguinte faz dieta rigorosa para compensar. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Pensava para consigo: “Estavam tão apetitosos que era uma pena não comprá-los”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Ficava aborrecido/a com a sua falta de controlo e força de vontade. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Pensava para consigo: “Uma vez não são vezes”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

8. – Quando estava a disputar um jogo lança uma bola que atinge na cara com força um seu amigo.

- | | | | | | |
|--|-------------------------------|---|---|---|--------------------------------|
| a) Sentia-se um/uma desajeitado/a incapaz de fazer um lançamento de bola em condições. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Pensava que o seu amigo precisava de ser mais hábil a jogar. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Pensava: “Foi apenas um acidente”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Pedia desculpa ao seu amigo e assegurava-se que estava bem. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

9. – Recentemente teve de deixar a sua família para ir viver noutro lado onde foram muito prestimosos para si. Teve de pedir dinheiro emprestado algumas vezes mas pagou-o logo que pôde.

- | | | | | | |
|---|-----------------------|---|---|---|------------------------|
| a) Sentia-se uma pessoa imatura. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Pensava para consigo: “Tenho alguma pouca sorte na vida” | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Pagava logo que pudesse o dinheiro que lhe emprestaram. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Pensava para consigo: “Sou uma pessoa em quem se pode confiar”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| e) Sentia-se orgulhoso/a de honrar os seus compromissos financeiros | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

10. – Ia a conduzir o carro na estrada e atropelou um pequeno animal.

- | | | | | | |
|---|-----------------------|---|---|---|------------------------|
| a) Pensava para consigo que o animal não devia estar na estrada. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Pensava para consigo: “Sou um inconsciente”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Sentia: “Isto foi apenas um acidente”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Provavelmente ficava a pensar por bastante tempo se não poderia ter evitado aquele acidente. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

11. – Pensado que o exame que fizera lhe tinha corrido muito bem. Verificou depois que afinal a classificação foi muito baixa.

- | | | | | | |
|--|-----------------------|---|---|---|------------------------|
| a) Pensava para consigo: “Bem, é apenas um teste”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Pensava para consigo: “O professor não gosta de mim”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Pensava para consigo: “Devia ter estudado mais”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Sentia que era pouco inteligente. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

12.- Você e um grupo de colegas trabalharam com afinco num projecto de trabalho. O avaliador do projecto distingui-o a si em especial com uma classificação mais elevada.

- | | | | | | |
|---|-----------------------|---|---|---|------------------------|
| a) Sentia que o avaliador era bastante tendencioso | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Sentia-se isolada e excluído/a dos seus colegas. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Sentia que o esforço que fizera valera a pena. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Sentia-se competente e orgulhoso/a do que era capaz. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| e) Sentia que não devia aceitar aquela discriminação a seu favor. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

13. – Quando saiu com amigos deu uma piada em relação a outro amigo não presente ali.

- | | | | | | |
|---|-------------------------------|---|---|---|--------------------------------|
| a) Pensava para consigo: “Isto foi só uma piada; não tem mal nenhum” | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Sentia-se envergonhado por ter gozado com o amigo ausente. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Pensava que talvez o amigo ausente devesse estar ali para responder à piada. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Pedia desculpa pelo que dissera e faria comentários positivos sobre o amigo ausente. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

14. – Cometeu um erro importante num trabalho feito no seu emprego e que prejudicou terceiros. O seu superior criticou-o severamente.

- | | | | | | |
|--|-------------------------------|---|---|---|--------------------------------|
| a) Pensava para consigo: “O meu superior devia ter sido mais claro naquilo que esperava de mim”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Naquela ocasião o que queria era desaparecer dali. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Pensava para consigo: “Devia ter tomado consciência da gravidade do problema e ter feito um melhor trabalho.” | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Pensava para consigo: “Ninguém é perfeito”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

15. – Comprometeu-se numa campanha de voluntariado para ajudar crianças deficientes. Aconteceu que ela revelou-se muito frustrante e muito trabalhosa. Pensou seriamente em desistir. Observou então que as crianças estavam muito felizes com a campanha.

- | | | | | | |
|--|-----------------------|---|---|---|------------------------|
| a) Sentia que no fundo era um/a egoísta e basicamente um/a preguiçoso/a.. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| b) Sentia que fora pressionado/a a fazer um trabalho que não desejava fazer. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| c) Pensava para consigo: “Devia preocupar-me mais com os que são menos afortunados neste mundo”. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| d) Sentia-se orgulhoso/a por ter sido capaz de ajudar os deficientes. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |
| e) Sentia-se bem consigo próprio/a por não ter desistido. | 1
nada
provável | 2 | 3 | 4 | 5
muito
provável |

ANEXO O
Output nº 11
Alfa de Cronbach (Q.E.D.)

Output nº11- Alpha de Cronbach (Q.E.D)

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,755	66

Mea Culpa: Depressão, Masoquismo Moral e Religião

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
QED1	267,4952	572,387	,094	,754
QED2	267,4095	573,706	,047	,756
QED3	269,7714	582,659	-,095	,760
QED4	268,3238	547,586	,392	,745
QED5	270,7524	583,861	-,112	,760
QED6	270,0381	554,037	,327	,747
QED7	270,2381	544,933	,375	,745
QED8	268,9619	588,325	-,191	,762
QED9	270,8286	587,643	-,164	,762
QED10	268,7619	550,645	,367	,746
QED11	269,3333	536,359	,569	,739
QED12	269,9810	605,557	-,407	,770
QED13	269,3333	540,609	,461	,742
QED14	270,6000	572,954	,055	,756
QED15	268,1429	558,220	,314	,748
QED16	269,1619	537,425	,443	,741
QED17	269,3810	538,719	,489	,741
QED18	269,3048	580,829	-,064	,760
QED19	268,9714	553,047	,267	,749
QED20	267,3333	569,667	,101	,754
QED21	269,4857	583,733	-,109	,761
QED22	269,3429	528,997	,538	,737
QED23	268,1714	545,970	,386	,745
QED24	268,2286	571,543	,129	,753
QED25	269,6952	534,695	,340	,745
QED26	269,9905	590,471	-,225	,763
QED27	269,2762	568,413	,099	,755
QED28	268,2190	545,807	,466	,743
QED29	267,2667	579,582	-,044	,758
QED30	270,1333	544,271	,539	,742
QED31	267,9619	585,479	-,134	,761
QED32	268,1810	558,611	,257	,750
QED33	267,7429	581,424	-,078	,759
QED34	268,2095	563,706	,185	,752
QED35	269,3524	537,538	,443	,741
QED36	268,7238	530,952	,586	,737
QED37	269,5905	546,686	,399	,744
QED38	268,6095	583,952	-,106	,762
QED39	267,8667	566,117	,152	,753
QED40	267,8667	560,847	,246	,750
QED41	268,6476	540,327	,483	,741
QED42	268,2857	584,264	-,112	,761
QED43	269,6857	534,775	,527	,739
QED44	268,4857	555,695	,250	,750
QED45	267,5238	558,848	,312	,749
QED46	268,8857	551,545	,292	,748
QED47	270,0571	575,651	-,002	,759
QED48	269,7524	592,630	-,237	,765
QED49	268,4857	574,060	,036	,756
QED50	268,9619	535,999	,502	,740
QED51	269,9810	558,461	,260	,749
QED52	268,0000	560,731	,247	,750
QED53	269,2762	555,933	,256	,749
QED54	267,9238	574,879	,027	,757
QED55	268,9619	536,575	,534	,739
QED56	270,0476	550,584	,384	,746
QED57	271,4571	564,154	,224	,751
QED58	269,8286	547,913	,353	,746
QED59	268,4286	573,036	,075	,755
QED60	268,2571	588,270	-,176	,763
QED61	268,3238	600,913	-,285	,771
QED62	268,1333	600,655	-,394	,767
QED63	268,7048	557,729	,233	,750
QED64	267,4667	553,924	,429	,746
QED65	269,3524	594,730	-,216	,768
QED66	267,7619	558,299	,346	,748

ANEXO P
Output nº 12
Alfa de Cronbach (TOSCA)

Output nº12- Alpha de Cronbach (*TOSCA*)

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,777	65

Mea Culpa: Depressão, Masoquismo Moral e Religião

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
TOSCA - 1A	211,6190	306,719	,333	,771
TOSCA - 1B	213,8190	317,342	,056	,778
TOSCA - 1C	211,0762	318,167	,159	,776
TOSCA - 1D	214,0000	314,269	,124	,777
TOSCA - 2A	211,8286	311,201	,276	,773
TOSCA - 2B	213,8571	310,143	,240	,773
TOSCA - 2C	213,6762	313,260	,156	,776
TOSCA2D	212,5238	317,925	,027	,780
TOSCA3A	213,3714	312,120	,159	,776
TOSCA3B	212,8476	309,727	,221	,774
TOSCA3C	212,3714	313,024	,145	,776
TOSCA3D	212,0571	302,074	,394	,768
TOSCA3E	212,5238	300,560	,380	,768
TOSCA4A	212,5524	304,327	,339	,770
TOSCA4B	212,8286	303,355	,332	,770
TOSCA4C	211,8095	319,002	,015	,779
TOSCA4D	213,0952	317,260	,040	,779
TOSCA5A	213,9143	313,002	,157	,776
TOSCA5B	213,1714	302,259	,351	,769
TOSCA5C	214,4667	314,521	,207	,775
TOSCA5D	211,4095	320,090	-,012	,779
TOSCA6A	212,5905	301,860	,433	,767
TOSCA6B	211,9524	309,161	,288	,772
TOSCA6C	213,4762	304,656	,312	,771
TOSCA6D	212,1333	315,732	,106	,777
TOSCA6E	213,4000	308,319	,226	,774
TOSCA7A	212,2095	315,917	,068	,779
TOSCA7B	212,7429	310,520	,192	,775
TOSCA7C	212,0000	306,673	,308	,771
TOSCA7D	212,4857	307,021	,282	,772
TOSCA8A	212,8000	300,277	,417	,767
TOSCA8B	214,2667	316,986	,087	,777
TOSCA8C	212,2190	316,750	,058	,779
TOSCA8D	211,1714	318,374	,124	,776
TOSCA9A	213,5429	312,327	,167	,775
TOSCA9B	213,4952	311,656	,220	,774
TOSCA9C	211,1810	316,130	,169	,775
TOSCA9D	211,7905	313,321	,199	,775
TOSCA9E	211,5905	315,590	,133	,776
TOSCA10A	213,7143	314,648	,096	,778
TOSCA10B	213,5143	309,579	,237	,773
TOSCA10C	212,5048	317,714	,033	,779
TOSCA10D	211,7619	307,337	,322	,771
TOSCA11A	213,9333	317,121	,056	,778
TOSCA11B	214,2095	313,860	,179	,775
TOSCA11C	211,6857	315,121	,137	,776
TOSCA11D	213,2762	308,760	,227	,774
TOSCA12A	213,1238	309,436	,239	,773
TOSCA12B	213,7143	312,629	,164	,775
TOSCA12C	211,6667	314,474	,193	,775
TOSCA12D	211,6000	314,935	,173	,775
TOSCA12E	212,7714	310,678	,175	,775
TOSCA13A	212,5619	312,268	,152	,776
TOSCA13B	212,8952	309,672	,224	,774
TOSCA13C	212,4095	313,302	,139	,776
TOSCA13D	212,7524	312,477	,153	,776
TOSCA14A	213,3714	314,543	,106	,777
TOSCA14B	212,1333	295,655	,546	,763
TOSCA14C	211,5143	314,425	,206	,775
TOSCA14D	213,4571	315,616	,081	,778
TOSCA15A	212,5333	305,867	,291	,771
TOSCA15B	213,9810	311,730	,205	,774
TOSCA15C	211,9429	311,458	,235	,774
TOSCA15D	211,6667	314,378	,189	,775
TOSCA15E	211,4381	316,518	,129	,776

ANEXO Q

Output nº 13

Alfa de Cronbach (Escala de Orientação Religiosa)

Output nº13- Alpha de Cronbach (*IE*)

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,857	14

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
IE1	31,8000	100,738	,710	,835
IE2	33,0095	114,394	,460	,853
IE3	31,4667	123,001	-,107	,885
IE4	31,3429	100,324	,668	,837
IE5	31,6381	96,233	,771	,830
IE6	31,4762	98,425	,732	,833
IE7	31,9905	103,471	,595	,842
IE8	31,5619	98,229	,743	,832
IE9	31,4286	102,574	,615	,841
IE10	31,5238	107,790	,324	,861
IE11	32,9810	113,730	,462	,852
IE12	32,4000	105,012	,571	,844
IE13	32,9810	112,577	,490	,851
IE14	31,1048	108,691	,344	,858